

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FECAP  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS**

**LUCAS GABRIEL CECILIANO DA SILVA**

**A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO PARA  
REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO CARNAVAL DE  
SÃO PAULO**

**São Paulo**

**2022**

LUCAS GABRIEL CECILIANO DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO PARA  
REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO CARNAVAL DE  
SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Relações Públicas.

**Orientadora: Profa Ms. Cândices Quincoses.**

São Paulo

2022

LUCAS GABRIEL CECILIANO DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO PARA  
REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO CARNAVAL DE  
SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Fundação  
Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como parte  
dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em  
Relações Públicas.

**Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/2022**

**Banca examinadora:**

São Paulo

2022

*“Dedico este trabalho a todos que me apoiam, e que estão ao meu lado diariamente, principalmente a minha mãe Marcia que está sempre me incentivando a seguir em frente.”*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer aos Orixás e entidades de luz que iluminaram e guiaram o meu caminho até este presente momento. Aproveito para agradecer o meu Babá Akinlongungana Alexandre Correia por cuidar tão bem do meu espiritual.

A minha família que me apoiou desde o início de minha vida e, apesar de todas as dificuldades, nunca me deixaram desistir deste sonho. Em especial minha mãe Marcia, que me criou sozinho nesses 23 anos.

Aos meus amigos de vida, do trabalho e os que a faculdade me deram no decorrer destes quatro longos anos, em especial, aos meus companheiros de turma, Jennifer Teles, Amanda Aline e, principalmente, Victor Santana, que juntos formamos um quarteto de trabalhos e atividades incríveis e, apesar de todas as diferenças, sempre nos apoiamos para que este momento chegasse. Torço muito por todos vocês.

A minha orientadora Prof. Ms. Cândices Quinconces que me ajudou a materializar este sonho em folhas A4 e apoiou desde o começo desta etapa. Também aproveito para agradecer todos os professores que passaram por minha vida, desde minha formação na escola pública até este momento... Um obrigado do tamanho do conhecimento de vocês!

Agradeço também aos integrantes do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, em especial, ao meu amigo alvarista Vinicius Escobar que abriu as portas da escola para que eu entrevistasse pessoas tão especiais e importantes para a agremiação. Um agradecimento especial para os entrevistados Murilo Lobo, Miriângela Moura e Gabriela Almeida, por agregar imensamente com a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço todas as mulheres e Yabás que me inspiraram a escrever e participar de suas lutas. Mulheres, toda forma de amar se traduz em vocês.

“Mas a coragem que me faz lutar  
É a esperança, razão de sonhar.  
Imaginar e renascer  
No Sol de cada amanhecer.  
Das cinzas voltar.  
Nas cinzas vencer!”

(VIRADOURO , 2020)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2. OBJETIVO E METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>3. CAPÍTULO I - REPRESENTATIVIDADE</b>	<b>134</b>
<b>4. CAPÍTULO II - O PAPEL DA COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS</b>	<b>19</b>
4.1 IMAGEM E REPUTAÇÃO ORGANIZACIONAL	22
<b>5. CAPÍTULO III - A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA A MULHER</b>	<b>266</b>
<b>6. CAPÍTULO IV - REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CARNAVAL.</b>	<b>323</b>
6.1 METODOLOGIA: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	33
6.2 A ESTRELA QUE BRILHOU NO GRAJAÚ	40
<b>6.2.1 “Ô Abre alas que elas vão passar!”</b>	<b>41</b>
6.3 A COMUNICAÇÃO CAI NO SAMBA!	43
<b>6.3.1 O carnaval como instrumento de comunicação</b>	<b>51</b>
6.4 LUGAR DA MULHER É ONDE ELA QUISER!	54
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO (ENTREVISTA SEMIABERTA)</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE A - REGISTROS DAS ENTREVISTAS</b>	<b>67</b>

## RESUMO

O presente trabalho aborda como a comunicação contribui para a representatividade feminina no carnaval de São Paulo. O objetivo deste estudo é analisar como é trabalhada a imagem feminina na comunicação que antecede e ocorre durante o desfile das escolas de samba. Sendo abordado nos capítulos o conceito de representatividade por Serge Moscovici e sua relação com a formação da identidade do indivíduo conforme estudos de Stuart Hall, mais adiante, utilizamos das argumentações no que se refere a diversidade da comunicação, comunicação representativa e suas contribuições para a imagem e reputação de uma organização, usando os trabalhos coordenados pelos comunicadores Patricia Salvatore, Margarida Kunsch e Wilson da Costa Bueno, respectivamente. Por fim, para completar o embasamento teórico, explicamos os conceitos de violência simbólica contra a mulher, utilizando as obras de Pierre Bordieu e Simone de Beauvoir. Para tanto, a metodologia realizada foi uma entrevista em profundidade com integrantes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, em que foi analisada a percepção deles em relação a importância no dia a dia da escola e para o contexto social impactado. Utilizando-se das entrevistas aplicadas e do referencial teórico, conseguimos colher a percepção da necessidade de discutir um assunto que muitas vezes está invisível ou pouco enraizado na sociedade, e, utilizar de uma festa tradicionalmente popular reforça a relevância e a necessidade de sempre pautar sobre estes temas nas comunicações, na comunidade e no enredo das escolas. A partir das entrevistas realizadas o trabalho elucida a importância da comunicação dentro das pautas sociais como uma forte aliada no impulsionamento de mudanças positivas e relaciona o carnaval como um forte propulsor para a geração de debates e apresentação de maneira leve de temas delicados para discussão na esfera pública.

Palavras-chave: Carnaval. Representatividade. Comunicação. Mulher.

## 1. INTRODUÇÃO

Dentro dos enredos apresentados, é abordado o tema da força das mulheres e de sua representação para a sociedade, e como obrigatoriedade todas as escolas de samba precisam apresentar a ala das baianas, que também é quesito de julgamento e demonstra de certo modo o respeito que a escola detém.

Um outro motivo da escolha do tema foi justamente não termos muitas pesquisas que relacionam o carnaval e a comunicação, mesmo sendo uma das maiores festas da cultura popular brasileira e que perdura o aspecto sociocultural da sociedade brasileira em toda a sua construção.

Por fim, abordar este assunto é agregar conhecimento sobre a importância do carnaval na construção de uma sociedade brasileira mais respeitosa, representativa e com pautas sociais em evidência para a discussão na esfera pública, aprofundando especificamente no papel das mulheres em toda esta construção, bem como o quão necessário é este papel para atuação em um cenário de constantes mudanças e transformações.

Faço da seguinte citação “defendo com ardor e a mais profunda convicção que o nosso Carnaval representa hoje a mais fiel tradução das nossas heranças, contradições, perplexidades e perspectivas” (COSTA, 2012), um estímulo para aprofundar neste tema e evidenciar a mulher como o papel central devido sua trajetória histórica de subversão na sociedade.

Na sociedade, historicamente o papel da mulher muitas vezes sendo subjugado em relação ao papel masculino “a fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc.” (BEAUVOIR, 2009), fazendo com que elas tenham que lutar por uma igualdade de direitos de geração para geração em busca pela conquista do seu espaço, reconhecimento e, principalmente, de respeito.

Elucubrando este aspecto social histórico, pode-se considerar que de alguma forma esta ideia de opressão em relação ao corpo feminino ganhasse espaço na sociedade, dentre elas o carnaval, que apesar das evoluções em relação às pautas de gêneros visualizadas nos últimos anos – muitas delas permeadas e lideradas por mulheres – ainda é um ambiente majoritariamente comandado e administrado pela figura masculina, que de certo modo, ainda sexualiza os corpos femininos.

Todavia, devo me ater a refletir sobre a tal madrinha da bateria, que a cada desfile ganha mais espaço na mídia, na tentativa de deslocar pra esse território o paradigma dos concursos de Miss, e também um deslocamento da vinheta da comunicação virtual da logo marca Globeleza. A imagem adequada da TV oscila pendularmente entre uma personagem erótica que alimenta o voyeurismo virtual desde o show de Sargentelli,

até o ideal de corpo de modelo ultimamente na moda se destacando nas passarelas com sua aparência virginal inapetente e seus passos marciais (...) (LUZ, 2008).

Considerando este comentário de Luz (2008), observamos um estereótipo importante dentro da construção desta tradicional festa popular nos meios de comunicação, sensualizando a imagem da mulher e o que seria o seu “corpo ideal” dentro do contexto social. É através deste viés de sexualização e do corpo ideal que queremos elucidar neste trabalho, demonstrando que o corpo, a categorização e estes estereótipos sobre a mulher do samba, não é o que define o que ela deve ser ou deixar de ser dentro e fora da escola.

De forma resumida, a cantora, historiadora e uma das autoras do livro “Carnaval”, Rita Gullo, afirma: “O carnaval reflete aquilo que já acontece na sociedade” (2020), com o intuito de exemplificar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, neste ambiente majoritariamente masculino, elucidando o ato de subjugação da figura feminina no contexto desta cultura popular que permeia em todos os cantos do Brasil.

Apesar de seus corpos serem objetificados e alvo de um sexismo agressivo dentro desta festa que reflete esta ideologia enraizada no aspecto sociocultural brasileiro, as mulheres são bem mais do que bundas e peitos, marcando sua presença no carnaval representando força, a busca por um respeito e a sua libertação de dogmas pré-estabelecidos por uma sociedade patriarcal.

O movimento feminino vem ganhando força no carnaval de rua e nos desfiles das Ligas das Escolas de Samba, principalmente no Estado de São Paulo, onde em 2022, das dezesseis agremiações presentes no Grupo Especial, três possuem mulheres como presidente (LIGASP, 2020), ou seja, com o poder de tomada de decisões e assumindo todo o papel administrativo das escolas que comandam, sendo elas Solange Cruz Bichara Rezende, Luciana Silva e Angelina Basílio, presidentes das Escolas de Samba: G.R.C.E.S. Mocidade Alegre, G.R.C.E.S. Tom Maior e Sociedade Rosas de Ouro, respectivamente (LIGASP, 2020).

Em paralelo, em 2020, pela primeira vez na história, São Paulo conteve o maior número de blocos de rua do Brasil, 796 blocos (ALVES, 2020) um crescimento ligado à participação feminina nos papéis de liderança, conforme afirma a produtora cultural e coordenadora de Cinema e Audiovisual da ESPM São Paulo, Gisele Jordão em entrevista para a jornalista Soraia Alves no site de notícias B9: “Hoje, o ambiente nos blocos e nas ruas é mais favorável para as mulheres do que há 10 anos: Elas assumiram papéis de liderança e a organização de vários blocos em São Paulo” (ALVES, 2020). Este movimento contribui para o avanço da pauta feminista e uma mudança organizacional nos perfis do bloco, tornando atrativo para os diferentes públicos e mais respeitoso para as mulheres.

Vide os comentários acima, o tema acaba propondo a seguinte pergunta: De que maneira a área da comunicação pode contribuir para fortalecer a representatividade feminina no Grêmio Recreativo Social Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio?

## 2. OBJETIVO E METODOLOGIA

Visto isto, o objetivo geral do estudo é analisar como é trabalhada a figura feminina no Carnaval de São Paulo, no intuito de compreender como a área da comunicação pode contribuir para fortalecer a representatividade feminina nas escolas de samba.

Para atingir o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos devem ser alcançados:

a) Apresentar como a violência simbólica contra a mulher está presente historicamente nos desfiles e na construção do carnaval;

b) Investigar se há Relações Públicas trabalhando nesta área, a fim de identificar essas estratégias utilizadas dentro do processo de construção do Carnaval e na Agremiação.

c) Investigar como as agremiações e seus desfiles podem contribuir para mostrar a importância das mulheres nos diferentes processos da construção/concepção desta cultura histórica popular.

Já a formulação das hipóteses que “[...] ajuda a encontrar um norte para a pesquisa. A partir da hipótese, percebe-se qual rumo deve ser seguido” (BARROS et al, 2005, p. 43). Considerando a definição acima, trabalharemos com as duas hipóteses abaixo para responder a pergunta problema “de que maneira a área da comunicação pode contribuir para fortalecer a representatividade feminina nas escolas de samba de São Paulo?”:

1. A comunicação realizada pelas Escolas de Samba, utilizando-se do conceito da representação social, contribui para a exposição positiva da figura feminina no carnaval através da exaltação da imagem da mulher, da demonstração do trabalho feminino na construção do carnaval e da desmistificação do preconceito estrutural enraizado nesta manifestação cultural.
2. A comunicação não consegue contribuir para a representatividade feminina no carnaval, por conta de uma violência estrutural já instaurada na sociedade brasileira.

O objeto de nosso estudo foi o Grêmio Recreativo Social Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, que se localiza na região Sul do estado de São Paulo e no ano de 2022 faz um enredo sobre a força das mulheres na sociedade, no samba e na própria escola. O estudo foi dividido em duas etapas: pesquisa bibliográfica e entrevistas. O referencial foi construído embasado em obras da Sociologia e da Comunicação que tem como principal vantagem “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2002, p. 45) e em entrevistas com membros da escola de diferentes setores que participam da composição e construção dos

desfiles, conforme Gil (2002) “O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.” (BARROS et al, 2005, p. 63).

Ademais, vale ressaltar o motivo pela qual houve a escolha da escola de samba Estrela do Terceiro Milênio, que fundada em 1998 e localizada no bairro Grajaú em São Paulo, foi escolhida por ter sido a campeã em 2022 do Grupo de Acesso com o enredo “Ô abre alas que elas vão passar”, uma homenagem a todas as mulheres que ergueram o samba e o carnaval, ilustrada no refrão do samba campeão levado ao Anhembi neste ano,

Faz tremer o chão, vai arrear!  
Ô, abram alas, elas vão passar  
Milênio vem mostrar  
Que o lugar da mulher é onde ela quiser! (MILÊNIO, 2022).

Sendo um enredo que conversa diretamente com o foco do nosso trabalho, contribuindo assim para uma análise assertiva das metodologias que serão utilizadas.

### 3. CAPÍTULO I - BASES EPISTEMOLÓGICAS DA REPRESENTATIVIDADE

No primeiro momento deste estudo foram identificados os pesquisadores que retratam em suas teorias o conceito e a finalidade de “representatividade”, justamente por se tratar do foco principal da pergunta problema, além de ser um termo pouco traduzido para a linguagem carnavalesca.

Logo, o principal estudioso utilizado neste momento de definição do que é representatividade é o psicólogo social romeno Serge Moscovici (1995 – 2014), que em sua principal obra “Representações sociais: Investigações em psicologia social”, retrata o conceito teórico de representatividade, obra está reconhecida nas áreas de estudo da Psicologia e Ciências Sociais.

Para Moscovici "Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações." (MOSCOVICI, 2015, p. 40). O autor afirma:

Para alargar um pouco o referencial, nós podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual. (MOSCOVICI, 2015, p. 40)

Neste contexto, a representação atua na apartação de uma percepção precisa e única de uma pessoa ou de alguma coisa e cria conceitos que as expliquem. Deste modo, quando somos expostos a alguma representação que nos causa estranheza, classificamo-las em nosso sistema particular e inconsciente de categorias, conforme explica Moscovici (2015), “pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo" (MOSCOVICI, 2015, p. 62).

Discorrendo sobre a citação acima, conseguimos perceber que no momento em que somos confrontados com o “esquisito” ou “incomum” em nossas vivências cotidianas, inconscientemente já rotulamos ou classificamos em algo, onde a neutralidade é um campo inexplorável no momento deste ato, fazendo com que a representação deste esquisito sempre seja positiva ou negativa, como explica Moscovici (2015),

A neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica. Quando classificamos uma pessoa entre os neuróticos, os judeus ou os pobres, nós obviamente não estamos apenas colocando um fato, mas avaliando-a e rotulando-a. (MOSCOVICI, 2015, p. 62).

Essa categorização dependendo da pessoa ou objetivo é intensificada principalmente pelos aspectos culturais estabelecidos naquele contexto social “[...] nossas ideias, nossas

representações são sempre filtradas através do discurso de outros, das experiências que vivemos, das coletividades às quais pertencemos” (MOSCOVICI, 2015, p. 221) que são potencializados pelos meios de comunicação “Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (MOSCOVICI, 2015, p. 8).

Estes dois aspectos, fazem com que uma mesma sociedade tenha extremidades de pensamentos sobre determinados assuntos que geralmente se divergem, o que resulta em diferentes significados para uma mesma representação, conforme explica Moscovici (2015) “[...] devemos então levar em consideração que em cada sociedade, em cada cultura, existem ao menos dois tipos de racionalidade, dois estilos de pensar, equivalentes às duas formas extremas de representar e comunicar” (MOSCOVICI, 2015, p. 213).

Quando esses pensamentos se divergem em proporções quantitativas ou qualitativas não igualitárias, o lado onde houver o pensamento minoritário, já começa em desvantagem no âmbito social, conforme explica Moscovici (2015):

Sempre que lidamos com uma minoria divergente, a sociedade apresenta contra ela e contra seus membros um veredicto antes de qualquer julgamento. Desse modo, nunca se supõe que eles sejam inocentes, nem podem eles se justificar ou se defender. (MOSCOVICI, 2015, p. 261).

Tendo em consideração o trecho elucidado acima, as pessoas que nasceram no contexto social onde o sua categorização estética ou comportamental vai em desencontro com os padrões de representações pré-estabelecidas neste aspecto coletivo, a sua aceitação como membro daquela comunidade não está nunca definitivamente garantida e assegurada, já que, “isso significa que a pessoa que a busca tem de conseguir toda qualidade física ou psíquica necessária e preencher os requisitos estabelecidos pela sociedade” (MOSCOVICI, 2015, p. 259).

O processo de penetração de ideias externas das comunicações nos indivíduos presentes nas diversas camadas da sociedade, pode antecipar e contribuir a desmistificação da imagem pejorativa da mulher e contribui para que seja demonstrado a sua verdadeira identidade. Para Hall (2020), este processo de identificação, é justamente o preenchimento de ideias e concepções exteriores.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior (...) (HALL, 2020).

Nesse contexto, desmistificando esta “inferioridade” da mulher em relação ao homem de uma maneira externa através da comunicação, pode contribuir para a diminuição do efeito histórico cultural enraizado em nossa sociedade.

Segundo Lemos e Salvatori (2019),

[...] a violência estrutural, na qual o autor não é visível, mas sim o atingido, tais como vítimas da fome, desempregados estruturais, órfãos de um genocídio. Ou seja, mesmo que não haja a intenção e nem um sujeito definido que pratique a violência e, por isso, é caracterizada pela dominação, como nos casos de alienação, marginalização, discriminação e exploração (LEMOS e SALVATORI, 2019, p. 146).

Conforme afirmam Lemos e Salvatori (2019), a violência estrutural muitas vezes não é percebida, sendo resultado de uma alienação difícil de ser superada, devido ao seu enraizamento histórico dentro de um determinado contexto social o que dificulta a contribuição da comunicação nesta desconstrução, como afirma Moscovici “isso significa que nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações ‘superimpostas’ aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessível” (MOSCOVICI, 2015, p.33).

À luz dessas questões, além do conceito de representatividade como o foco principal desta abordagem científica, também utilizamos as definições de identidade cultural no pós modernidade estudadas pela teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1932 – 2014), que define esta identidade cultural de um indivíduo como fragmentada, ou seja, composta por mais de uma identidade, sendo um reflexo da velocidade das mudanças constantes que ocorrem na sociedade pós moderna, conforme afirma Hall (2020) “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”, sendo processo de construção longo e inconsciente, que na maioria das vezes é imperceptível ao indivíduo “assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2020).

Em síntese, podemos considerar que a representação social é um processo que se inicia em um ambiente coletivo: a nossa sociedade que “[...] se mostra sendo um sistema de relações que geram crenças, normas, linguagens e rituais coletivamente partilhados que mantêm as pessoas coesas” (MOSCOVICI, 2015, p. 287), movidas por uma definição única e particular do próprio indivíduo fazendo com que “[...] tudo o que as pessoas fazem, ou dizem, cada contratempo normal, parece ter um sentido, intenção ou propósito ocultos, que nós tentamos descobrir” (MOSCOVICI, 2015, p. 82) e sendo sustentada e modificada constantemente pela

comunicação já que “[...] a mudança dos interesses humanos pode gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações” (MOSCOVICI, 2015, p. 22), onde, por fim, são importantes para a sobrevivência das heterogeneidades de ideias, características e modos de vida tomando como ponto de partida “[...] a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos em toda sua estranheza e imprevisibilidade.” (MOSCOVICI, 2015, p. 79), tornando-se assim o principal pilar para a transformação social, como finaliza Moscovici (2015) “[...] representações coletivas ou sociais são a força da sociedade que se comunica e se transforma” (MOSCOVICI, 2015, p. 287).

Contudo, o fato de haver representações sociais não é o único fator que determina a construção de uma identidade individual, já que como mencionado nesta pesquisa o processo de representações sociais podem gerar situações em que a categorização é minoritária, fazendo com que haja um julgamento negativo prévio de alguma ação antes de qualquer veredicto para este(s) grupo(s) afetado(s). Porém, o fato de haver essas representações minoritárias, contribui para que haja o processo de identificação, que é constante e que ajuda no preenchimento de uma falta de inteireza, ou melhor, de uma deficiência de representações que complementam este indivíduo dentro deste panorama sociocultural, fazendo com que está projeção favoreça o processo de assumir uma identidade mais unificada e, conseqüentemente, enfrentando com mais firmeza este pré-julgamento de grupos majoritários, conforme explica Hall (2020),

O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar a metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2020).

Tendo em consideração a explicação acima, a importância das representações sociais no processo de identificação do indivíduo – principalmente os considerados como minorias – estabelece uma necessidade de exibir diversificadamente as representações sociais e os diferentes aspectos culturais nelas incorporados. Nesta ótica, este movimento contribui para a identidade dos mais variados grupos sociais – incluindo as mulheres, foco desta pesquisa – transformando esta absorção de estímulos externos de representações culturais, como uma parte importante na construção da identidade deste indivíduo, como reforça Hall (2020) “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.”

As visões teóricas de Moscovici (2015) e Hall (2020), ajudam a estruturar a primeira parte da nossa abordagem, com os conceitos e princípios que permearam durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

A totalidade destas contribuições para o processo da construção da identidade individual admitida por Stuart Hall, exalta a importância do processo de representação social explicado por Moscovici e assume um papel extremamente crucial e importante da comunicação que será abordada no próximo capítulo.

## 4. CAPÍTULO II - O PAPEL DA COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Considerando a força das representações sociais dentro do processo de transformação e comunicação inserida em uma sociedade, nos leva para um segundo questionamento que: como o desenvolvimento da identidade de um indivíduo se estabelece dentro deste contexto fluido e mutável? A verdade é que este processo de identificação individual nesta sociedade moderna, também é submetido a constantes metamorfoses “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2020) e também sofre fortes influências do ambiente externo, o que eleva a importância dos mais diferenciados modos de representações sociais para a identificação de um comum, mesmo que temporário, como reforça Hall (2020),

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente.

Para ressaltar e evidenciar as influências da comunicação neste processo de significação, representação cultural e o confronto com o “diferente” na construção da identidade do indivíduo, destacando-se a fundamental contribuição da comunicação organizacional no processo de criação de uma sociedade cada vez mais diversa, justa e representativa, conforme afirma Lemos e Salvatori et al (2019) “E, para que essa diversidade seja visível – e, portanto, percebida, debatida, entendida e, quiçá, aceita –, a atividade comunicacional é fundamental.” (LEMOS e SALVATORI et al, p. 225, 2019).

A comunicação dentro deste contexto tem um papel fundamental de expor a diferenciação de características físicas ou ideológicas contidas no meio social para o externo, sendo essencial na construção de um ambiente mais diverso e igualitário para todos os grupos sociais. Porém, a comunicação também está suscetível às influências de diferentes setores da sociedade como os aspectos políticos, religiosos, legais. Ou seja, de modo geral a comunicação e o meio social é um constante ciclo de trocas mútuas em um processo de retroalimentação que pode levar a avanços e retrocessos na questão da representação social, conforme afirma Lemos e Salvatori et al (2019),

As mudanças de cenário social estimulam avanços e retrocessos cíclicos, em um processo dinâmico dos grupos componentes da sociedade. Aspectos religiosos, civis, políticos, legais, de saúde, dentre outros, muitas vezes confundem-se na formação da opinião, levando-se à construção de imaginários e de ações discursivas. (LEMOS e SALVATORI et al, 2019, p. 226)

Este retrocesso representativo ocorre, pois, a comunicação também pode se tornar um instrumento forte de dominação dependendo de quem detém esses poderes monetários, políticos ou de empresas de comunicação, que, quando apoiado por uma desinformação nas diversas camadas sociais, estimulam discursos de ódios e de supremacia que vão de acordo com os seus ideais, categorizando as pessoas dentro de seus próprios aspectos. Este fenômeno, além de afetar as minorias e a diversidade, também exerce a função de uma nova verdade, consolidando mentiras segmentadas em verdades de massa, como afirma Lemos e Salvatori et al (2019),

A minorização de grupos sociais é um clássico instrumento de dominação apoiado pela desinformação. Constrói-se, a partir daí, conceitos como superioridade racial – amplificando racismo generalizado, homofobia etc. – e dando aparente solidez a negacionismos – contra vacinas, aquecimento global, justificando uso de agrotóxicos etc. (LEMOS e SALVATORI et al, 2019, p. 226).

A atuação da comunicação como um avanço na representação social e no enfrentamento a esta desinformação sustentada pelo ilusório da superioridade étnica social estabelecidas em alguns segmentos da sociedade, é justamente utilizando-a como um instrumento de visibilidade à “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 2020) presentes naquele contexto social, com orientação e esclarecimentos “[...] na busca do ideal da diminuição do preconceito e do ódio” (LEMOS e SALVATORI et al, 2019, p. 226).

É nesta ideia de visibilidade que a comunicação se consolida como um meio de alavancagem das representações sociais, fazendo com que as diferentes identidades contextualizada por HALL (2020) e o enfrentamento das categorizações negativas explicadas na psicologia social por MOSCOVICI (2015) se torne algo alcançável, independente do segmento em que está inserida, logo “a visibilidade é fundamental no campo em estudo, em que o viés de percepção domina as abordagens de senso comum” (LEMOS e SALVATORI et al, 2019, p. 229) fazendo com que as pautas garantidas pelos direitos humanos e o esclarecimento das diferenças para as grandes massas, sejam tarefas primordiais no processo de comunicação representativa, como completa Lemos e Salvatori et al (2019) “considerando-se que não é simples a assimilação de tantas denominações e siglas, o esclarecimento é tarefa primordial, visto que, em primeira e última análises, têm-se em conta os direitos humanos. (LEMOS e SALVATORI et al, 2019, p. 229).

Tanto processo de avanço das representações sociais ampliado pela visibilidade e diversidade na comunicação, quanto o processo de retrocesso ligado a dogmas e poder social de determinados grupos segregadores, não ocorrem da noite para o dia, é uma construção que está em constante andamento “[...] trabalhadas ao longo de muito tempo, contando também

com o apoio da mídia e muitas vezes sendo amparadas por políticas públicas – ou pela ausência delas” (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p. 86). Porém, o papel da comunicação de educar e esclarecer citados por Lemos e Salvatori (2019), faz com que o indivíduo além de conseguir se encontrar em uma identidade – mesmo que temporariamente –, comece a se colocar no lugar do outro, do diferente – com visibilidade –, contribuindo para uma maior harmonia entre os diversos integrantes da sociedade, como completa Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022), “enquanto estimula-se segregação, por outro lado, é por meio da alteridade, a busca por se colocar no lugar do outro, que se atinge um processo de maior equilíbrio entre os membros da sociedade” (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p. 86).

Quando falamos do papel das instituições públicas, privadas ou governamentais dentro deste processo de visibilidade que é um forte estimulante da alteridade dos indivíduos, onde ambos contribuem diretamente para as representações dentro das diversas identidades – principalmente as minorias – presentes naquele contexto social, vai muito além da comunicação, mas também abrange o estímulo ao incremento desta diversidade dentro dos seus processos trabalhistas ou de angariação de novos componentes, funcionários e voluntários, para que estes frutos esclarecedores se multipliquem no contexto social garantindo a dignidade humana, como explica KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al (2022)

Campanhas que abordam temas polêmicos como racismo, homofobia, podem estar associadas a corporações das mais diversas, mas isso requer um compromisso que vai além de uma campanha. Discurso humanitários, ambientais, antipreconceituosos devem ser precedidos de ações de validação. O monitoramento da sociedade verificará se há lastro ou não para o que se propaga discursivamente (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p. 87).

Em complemento a esta afirmação “espera-se, portanto, que os meios de comunicação e as empresas que os gerem – eis que voltados à opinião pública – respeitem aspectos que, em síntese, se referem ao atendimento do princípio da dignidade humana” (LEMOS e SALVATORI et al, 2019, p. 231), cooperando de diferentes formas para que haja a propagação de conhecimento para os indivíduos e, conseqüentemente, a aceitação de sociedades mais diversas onde a o exercício da pressão em busca do seus direitos garantidos e em uma repressão a práticas segregadoras.

Por fim, é na distribuição destes conhecimentos através das comunicações inseridas no contexto político, empresarial, social e cultural que o Relações Públicas exerce seu papel de intermediador e instrumentaliza a sociedade para realizar as suas reivindicações de forma direta ou indireta, abrangendo todos os segmentos sociais e contribuindo diretamente para uma sociedade mais justa e livre de preconceitos, conforme afirmação de Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022),

E é nesse sentido público e político que as relações públicas contribuem para instrumentalizar e capacitar as comunidades no exercício de pressão com foco no atendimento às suas reivindicações e à interferência na tomada de decisões de instituições públicas e privadas e dos órgãos de governo. (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p. 120)

Além da contribuição social, este papel da comunicação representativa intermediada pelo Relações Públicas, também contribui para o fortalecimento da imagem, identidade e reputação organizacional de uma determinada instituição, empresa ou agremiação (objeto deste estudo), abordaremos esta relação no próximo tópico utilizando as definições do doutor em Ciências de Comunicação, Wilson da Costa Bueno.

#### 4.1 IMAGEM E REPUTAÇÃO ORGANIZACIONAL

Já vimos neste capítulo a contribuição da comunicação representativa no âmbito social e como o Relações Públicas consegue trabalhar em benefício ao bem comum, mas quando nos perguntamos qual o tamanho do impacto deste tipo de comunicação na imagem e reputação de uma organização, independente de sua natureza. Há impactos positivos em suas imagem? Faz parte do processo de construção de sua reputação? Para responder estas perguntas, primeiro precisamos entender os seus devidos conceitos, que “[...] sofrem do mesmo processo de esvaziamento, certamente porque utilizados às escancaras, em qualquer situação e mesmo como sinônimos, acabam não significando coisa alguma.” (BUENO, 2008).

Por mais difícil que seja o definir de uma maneira mais clara e objetiva um termo tão utilizado nas Relações Públicas, de maneira sucinta, a imagem segundo Wilson da Costa Bueno (2008) é a diversidade – tão citada neste trabalho – de percepções e experiências concretas individuais ou de grupos, sendo resultado do contato direto ou indireto à uma determinada organização ou pessoa,

A imagem, portanto, ou as imagens (para sermos mais exatos) de uma organização são percepções que estão na cabeça dos públicos ou das pessoas individualmente, formadas pelo contato direto ou não com essa organização (temos imagens para organizações com as quais nunca tomamos contato direto como, por exemplo, o Pentágono, reino dos falcões da guerra) (BUENO, 2008).

E que também está suscetível a influências sociais externa, sendo a de terceiros ou da própria mídia, que podem gerar informações que beneficiam ou denegrem a organização de alguma maneira, conforme reforça Bueno (2016) “a imagem corporativa é a representação mental de uma organização construída por um indivíduo ou grupo a partir de percepções e experiências concretas (os chamados “momentos de verdade”), informações e influências recebidas de terceiros ou da mídia” (BUENO, 2016, p.4).

Logo, por conseguir reunir diversas percepções e sentimentos em diferentes indivíduos dentro de sociedades heterogêneas, a imagem se agrupa no acúmulo destes aspectos cognitivos – processo de adquirir conhecimentos –, ocasionados por estas percepções, se agarra ao fenômenos psíquicos afetivos – que varia de acordo com a vivência de cada grupo ou indivíduo – e, conseqüentemente, incorpora a diversidade de valores morais deste contexto. Esta variedade de aspectos, faz com que a identidade de uma organização seja equivocada ou incompleta, como afirma Bueno (2016), “ela se constitui numa síntese integradora, que acumula aspectos cognitivos, afetivos e valorativos, e expressa a ‘leitura’, ainda que muitas vezes superficial, incompleta ou equivocada, da identidade corporativa de uma organização” (BUENO, 2016, p.4).

Isto faz com que, a imagem da organização passe por diversas metamorfoses de estigmas e opiniões, que variam de indivíduo para indivíduo, considerando cada aspecto citado acima, gerando para a organização diversas imagens, muitas vezes contraditórias entre diferentes indivíduos, que vai de em desencontro com uma unanimidade de perspectivas e gera diferentes discussão, como completa Bueno (2016)

Por este motivo, é justo e apropriado admitir que uma organização, quase sempre, tem várias imagens porque as experiências, vivências, informações que uma pessoa ou grupo associa a uma organização são múltiplas, distintas, particulares, e às vezes absolutamente contraditórias (BUENO, 2016, p.4).

É muito importante neste momentos de distinção em relação a imagem de uma organização, entendemos a diferença entre uma imagem real do que uma imagem pretendida, em resumo, a imagem pretendida é como a organização gostaria de ser enxergada por esses diferentes indivíduos, e a imagem real é de fato como a organização é vista; a imagem desejada pela organização é aquela que a organização gostaria de ter da sociedade e a verdadeira imagem, ou seja, a forma como é percebida é aquela imagem em que os públicos têm dela (BUENO, 2016).

Por fim, ao entender o papel da imagem e como ela se comporta no contexto individual e, conseqüentemente, dentro da esfera pública, entendemos que ela pode se comportar como um importante instrumento de representação, gerando debates, percepções, sentimentos e contrapondo – ou apoiando – determinados valores a respeito daquilo que está sendo estampado, se tornando um forte componente para a construção de uma reputação sólida e duradoura. Isto ocorre quando a imagem real se assemelha ou se aproxima da imagem pretendida, devido um trabalho importante do profissional de comunicação e da comunicação corporativa, como explica Bueno (2016),

A comunicação corporativa desempenha um papel importante no sentido de plasmar esta representação e, em princípio, empenha-se em fazer aproximar a imagem pretendida da imagem real. Pode-se admitir que, em alguns casos, a imagem real efetivamente não traduz a identidade corporativa e que, por vários motivos, inclusive por um trabalho agressivo (o que não quer dizer ético) de comunicação, as pessoas, os públicos e a sociedade podem ter uma imagem equivocada de uma organização (BUENO, 2016, p.5).

Para o mesmo autor, a reputação também é um processo que acontece por meio das percepções, contudo o que a difere em relação a imagem é o seu processo mais estático, menos fluído e que se consolida em um prazo maior de tempo, gerando consistência, intensidade e credibilidade aquela organização; “[...], mas, diferentemente da imagem, ela é menos fluída, é construída num prazo maior de tempo, tem maior consistência e intensidade” (BUENO, 2006).

E este processo moroso e de consolidação dentro das diversas percepções individuais em uma sociedade plural, faz com que “a maioria das organizações tem imagens, mas poucas chegam a ter uma reputação” (BUENO, 2008), isso se dá, porque a reputação é um entendimento mais próximo, mais aprofundado, que está inteiramente ligada pelo convívio do indivíduo por um tempo mais longo e com uma maior intensidade com aquela organização. É possível criar várias imagens, mas é muito difícil fazer com que ela se sustente e vire uma reputação.

A reputação, finalmente, é uma representação mais consolidada, mais amadurecida, de uma organização, embora, como a imagem, se constitua numa percepção, numa síntese mental. Poderíamos dizer que a reputação é uma leitura mais aprofundada, mais nítida, mais intensa de uma organização e que, na prática, apenas um número reduzido de organizações chega a ser contemplada com este nível de representação. Pode-se construir uma imagem de uma organização com alguma facilidade (mesmo quando eu não tenho relação direta com ela) mas a reputação resulta de uma interação maior, vivenciada por um tempo mais longo e com mais intensidade. Alguns autores traduzem reputação como sinônimo de fama e, na verdade, semanticamente os dois conceitos estão muito próximos. A imagem pode ser formada a partir de um único ou poucos e fugidios “momentos de verdade” , mas a reputação é a síntese de vários contatos e várias leituras efetuadas ao longo de um tempo. Simplificadamente, quando tenho uma imagem de uma organização, eu acho que ela, eu sinto que ela é ou representa alguma coisa; quando compartilho a reputação de uma empresa eu sei, eu tenho certeza sobre o que ela é ou representa. (BUENO, 2016, p.6)

É por ter certeza do que esta organização representa, a reputação anda de mão dadas com a comunicação representativa e a construção das identidades do indivíduo, pois é através deste choque com as diversas imagens da empresa que construímos a reputação social da empresa – seja ela benéfica ou maléfica –, fazendo com que as pautas sociais e os grupos minoritários ganhem cada vez mais espaço. Contudo, para que a imagem de uma empresa que apoia as representações se sustente, ela precisa manter isto como um compromisso pré e pós comunicação, fazendo com que este discurso não seja a criação de uma imagem pretendida, mas sim de uma imagem real e, conseqüentemente, de uma reputação vista com bons olhos

pelos diferentes públicos impactados, este cuidado que o comunicador precisa ter é ressaltado por Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022),

Organizações e personalidades que desejam conectar-se a causas devem observar que esse tipo de desejo tem custos anteriores e posteriores. Há que de fato se aproximar do tema e manter-se vinculado. É necessário entender as linguagens, os objetivos e os personagens que orbitam um tema, e fazer o processo cultural na organização, de modo a que não se trate de uma simulação, mas de uma transformação (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p. 86).

Considerando a citação acima, muitas vezes forçar a comunicação representativa sem agir de acordo com elas ou sem de fato contribuir em relação com as lutas enfrentadas pelas diferentes pautas sociais tem como consequência a descredibilização da organização e uma série de imagens pretendidas, nunca uma imagem real ou uma reputação consolidada. Este ponto de atenção, também é reforçado por Bueno (2008), que avisa que os comunicadores “[...] devem estar atentos aos esforços de divulgação de determinadas agências/assessorias que insistem em proclamar seus clientes como social e ambientalmente responsáveis.”

Por fim, falarmos de imagem e reputação das organizações neste processo de representação social é essencial para não cairmos na falácia de que todas elas devem se posicionar e se comunicar sobre estes temas, pois muito além disso elas também possuem o dever de ajudar na transformação social e na busca por direitos destes grupos, pois, no fundo, a instituição, agremiação, empresa pública e privada ou qualquer outra organização, conforme afirma Bueno (2008) “[...] têm a imagem e a reputação que merecem. Há, certas coisas, como diz a campanha de um cartão de crédito, que não podem ser compradas”, porém quando elas se posicionam, a comunicação organizacional trabalha inconscientemente no equilíbrio entre as diferenças e no debate saudável da opinião pública, conforme afirma Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022) “a luta contra a intolerância que confronta as diversas liberdades é dada por processos organizados de debate. Se a opinião é construção – sentimentos, informações, influências – é por esse processo que se trabalha para fortalecer o equilíbrio entre as diferenças” (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p. 87), e com o complemento de Bueno (2008),

A web, felizmente, nos tem brindado, cada vez mais, com vozes múltiplas e dinheiro algum consegue impedir que elas se manifestem. As monoculturas da mente, se depender dos que ainda têm disposição para pensar e coragem para dizer e agir, acabarão perdendo esta batalha. É mais fácil produzir sementes do que mentes transgênicas (BUENO, 2008).

Concluimos que a imagem e a reputação organizacional contribui não só com o processo de identidade de uma organização, mas também com uma identidade social, onde tem o papel fundamental de reproduzir representações sociais, mas acima de tudo, participar do processo de transformação para o devido respeito às diversidades.

## 5. CAPÍTULO III - A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA A MULHER

Para explicar o que é e como acontece a violência simbólica em relação a mulher, utilizaremos a obra “A dominação masculina” do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 - 2002), que segundo o autor a violência simbólica é aquilo que muitas vezes é invisível, ocorre em atos sutis e, por isso, consegue desempenhar um papel paradoxal entre as vítimas e o agressor, se tornando despercebida a olhos de terceiros e sustentada por construções sociais, como explica Bourdieu (2012),

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BORDIEU, 2012, p. 7).

Apesar de sutil e quase invisível a violência simbólica é fruto de uma dominação de um gênero socialmente concebido como superior em relação ao outro e este tipo de violência é friamente calculado, seja pela medição de força ou arquitetado através das razões do indivíduo pertencente àquele contexto social, sendo construída através da percepção e estimuladas pelas ações deste meio social em relação ao dominado; “o efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção (...)” (BORDIEU, 2012, p. 49).

Como mencionado por Bourdieu (2012) no primeiro parágrafo, este tipo de violência pode ocorrer por três fatores, o primeiro é a legitimação do reconhecimento de uma possível inferioridade, influenciada diretamente pelo contexto social, sexual ou cognitivos do indivíduo dominado em sua formação, ou seja, é quando este indivíduo dominado se reconhece como inferior e legitima a violência simbólica sofrida, como afirma Bourdieu (2012),

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão (BORDIEU, 2012, p. 22).

Neste contexto, a legitimação da violência é fruto das experiências individuais e construção dos dogmas sociais, que inferioriza o corpo e alma feminina, ocasionando em uma divisão arbitrária entre os dois gêneros que legitima de certo modo esta violência, conforme completa Bourdieu (2012) “essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação” (BORDIEU, 2012, p. 17).

O segundo fator é o desconhecimento, ou seja, quando o dominante através das condições sociais impostas, não consegue perceber tal ato de violência, mas querendo trazer para si o desejo de dominação sobre o corpo feminino. Este é um fator, muito ligado à essência primitiva do dominador, que se desenvolve ao longo de suas experiências sociais e estimula o seu desejo por dominar. Por outro lado, este fator também contribui para a aceitação do ser dominado, o que pode gerar um ciclo vicioso e invisível, mas que a longo prazo é desastroso ao ser dominado. Logo, o fator desconhecimento para a construção de uma violência simbólica, tem como sua oposição justamente o conhecimento, saber o que está produzindo e o motivo pelo qual está produzindo é a chave para que este fator seja extinto, como afirma Bordieu (2012)

A dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação e que pode conduzir a esta forma limite do amorfati, que é o amor do dominante e de sua dominação, libido dominantis (desejo do dominante) que implica renúncia a exercer em primeira pessoa a libido dominandi (o desejo de dominar) (BORDIEU, 2012, p. 98).

Por fim, o último fator é o sentimento que atua como um intensificador, ou melhor, como uma aceitação em relação ao fator de conhecimento e desconhecimento, de modo sucinto e prático, este fato sustenta os diferentes tipos de violência simbólica contra a mulher, justamente pelos sentimentos negativos criados em seu enfrentamento, ou, até mesmo pelo sentimento em relação ao dominador. Logo, o fator sentimental atua como um pêndulo e gera o conformismo da vítima em relação ao violentador, dificultando o processo de combate a este tipo de violência e estimulando o dominador, como explica Bordieu (2012),

Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de emoções corporais — vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa — ou de paixões e de sentimentos — amor, admiração, respeito (...) (BORDIEU, 2012, p. 51).

Estes tipos de emoções corporais ou de paixões, são dolorosas e causam diversos problemas na vítima, que ao se colocar nesta situação por um sentimento incontável e pelo estímulo de conformismo dado em relação agressor, gera manifestações – corporais ou não – visíveis a olhos de terceiros. Apesar de ser um fator empírico, o sentimento é perceptível nas relações sociais através de manifestações visíveis “[...] como o enrubescer, o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a cólera ou a raiva onipotente, e outras maneiras de se submeter ao juízo dominante” (BORDIEU, 2012, p. 51).

Porém, justamente por ser um processo ocasionado por diferentes fatores e enraizado no contexto sociocultural, mediante de uma história que afirma e reafirma o masculino como o

sexo dominante e, conseqüentemente, como o dominador simbólico, não é apenas com o despertar da consciência da vítima que a violência pode ser tratada, como explica Bordieu,

Se é totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações) (BORDIEU, 2012, p. 51).

Todavia, está frente de demonstrar as diversas violências que ocorrem em relação ao corpo feminino, é uma das principais pautas defendidas pelo movimento feminista, o que, além de exemplificar e evitar, traz para o contexto social, uma luta histórica que está longe de ser resolvida. Este trabalho de transformação Bordieu (2012) nomeia como “Revolução Simbólica”, reafirmando que o ato de violência simbólica, só acontece e para de acontecer quando se é demonstrado o conhecido para o desconhecido incessantemente, conforme afirma o sociólogo,

Essas distinções críticas nada têm de gratuito: elas implicam, de fato, que a revolução simbólica a que o movimento feminista convoca não pode se reduzir a uma simples conversão das consciências e das vontades. Pelo fato de o fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem (BORDIEU, 2012, p. 54).

Para abordar o papel da mulher e esta luta contra este tipo de violência, foram usadas duas principais referências bibliográficas: “O segundo sexo” com autoria da escritora, filósofa, intelectual, ativista e professora francesa Simone de Beauvoir (1908–1989) em 1949, onde discorre o papel da mulher em uma sociedade majoritariamente machista e a opressão feminina desde do seu momento de nascimento que permeiam por toda a história, conforme afirma a autora,

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro (BEAUVOIR, 2009).

E o manifesto teórico “O que as feministas querem?”, escrito pela brasileira doutora em Direito e especialista em Direitos Humanos Raisia D. Ribeiro, que disserta com uma linguagem de fácil entendimento sobre a luta por direitos das mulheres enraizadas dentro do movimento feminista. Apoiada em alguns conceitos básicos da luta por esta causa, Ribeiro, contextualiza o objetivo do feminismo “criticar a forma de organização social pautada no patriarcado, que gera discriminação contra as mulheres, e lutar, por meio de propostas, para a modificação da realidade social, com a criação de condições de igualdade entre os gêneros” (RIBEIRO, 2021, p. 14) em qualquer setor da sociedade, inclusive no carnaval.

Com base em ambas as autoras, consegue-se desfrutar do conhecimento no que fundeia a subjugação histórica da mulher por uma sociedade machista e no que permeia a sua luta por equidade de direitos em relação ao homem para que, por fim, contextualizar todas essas teorias e análises dentro do âmbito do carnaval.

Encontra-se esse círculo vicioso em todas as circunstâncias análogas: quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar (BEAUVOIR, 2009).

Para Beauvoir (2009), as diferentes sociedades do mundo são majoritariamente masculinas, não necessariamente em quantidade, mas em dogmas e na liberdade da existência. Por conta disto, o homem acaba por definir a mulher, inferiorizando-a, a ponto de não a considerar como autônoma, como explica a autora “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 2009). Esta relação de relativização da mulher e de sua própria visão, faz com que a violência simbólica aconteça de uma maneira rápida, sutil e muitas vezes aceita pelo contexto social e pelo próprio dominado, conforme já elucidado por Bordieu (2002).

Esta relação, estimula a inferiorização do sexo feminino a ponto de ser vista como não essencial dentro do contexto social e contribui para a sobreposição e justificativa da violência masculina sobre seus corpos, almas e ideias. Beauvoir (2009) é cirúrgica ao elucidar este fato e afirma “a mulher determina-se a diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2009).

Diante deste exposto, todo o processo de inferiorização da mulher, da relativização de seus corpos e da dominação masculina, conforme foi demonstrado no começo deste capítulo, ocorre pela violência simbólica, dentro deste contexto majoritariamente masculino explicado por Beauvoir (2009), fazendo com que o papel da mulher ainda seja direcionado para uma visão de coisificação de seu corpo, elucidando a violência simbólica enraizada dentro destas sociedades, como complementa Ribeiro (2021),

A dominação masculina funciona por meio de uma violência simbólica, isto é, uma violência sensível, imperceptível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce fundamentalmente por vias simbólicas de comunicação e de reconhecimento. As mulheres, assim como os demais grupos oprimidos, possuem uma consciência dominada, fragmentada, invadida por esse poder masculino, reproduzindo as próprias estruturas que mantém a sua dominação (RIBEIRO, 2021, p.17).

Esta violência ocorre em todos os setores da vida de uma mulher, desde sua infância até sua velhice, sendo imposta desde cedo a competir consigo mesma e naturalmente passar por mais dificuldades do que o homem, como explica Beauvoir (2019), “durante seus estudos, durante os primeiros anos, tão decisivos, de sua carreira, é raro que a mulher aproveite francamente suas possibilidades: muitas sofrerão mais tarde as desvantagens de um mau início” (BEAUVOIR, 2019).

E mesmo que aceite este sistema de opressão e dominação, ela ainda não está a salvo, sendo sempre alvo de agressões diretas ou indiretas, o que dificulta ainda mais sua busca por sua liberdade em relação ao homem, tornando-a parte de uma grande esfera de agressão e sufocada ao ponto de não conseguir sair dessa bolha. Em geral, independente do que a mulher faça ou deixa de fazer, ela ainda não terá o mesmo respeito e não dará o mesmo orgulho que o homem tem e dá, conforme complementa Beauvoir (2019),

Quer a mulher viva com os pais, ou seja, casada, raramente o que a cercam respeitarão seu esforço como respeitam o de um homem; vão lhe impor serviços, tarefas desagradáveis, vão lhe cercear a liberdade; ela própria ainda se acha profundamente marcada por sua educação, respeitosa dos valores afirmados pelos mais velhos, perseguida por seus sonhos de criança e de adolescente; dificilmente concilia a herança de seu passado com o interesse de seu futuro (BEAUVOIR, 2019).

Uma das maneiras de sair desta condição é ir à luta pela sua independência, só que durante este processo a mulher pode passar por diversos constrangimentos, mas o primeiro passo para tal ato é a confiança do que realmente é e do que pretende ser, pois “[...] deve incessantemente conquistar uma confiança que não lhe é de início concedida: no princípio ela é suspeita, precisa dar provas de si” (BEAUVOIR, 2019) e esta prova é o que causa uma divisão interna dentro da mulher, por estar sempre lutando e se provando para manter vivo seus ideais e suas vontades, sempre está em comparação ao homem e uma sociedade machista o que julga por si só que é inferiorizada. O caminho mais fácil para a grande maioria das mulheres é enterrar suas vontades e seus desejos, conforme complementa Beauvoir (2019),

Se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta. Todos os problemas vivos encontram na morte uma solução silenciosa; uma mulher que se empenha em viver é, portanto, mais dividida do que a que enterra sua vontade e seus desejos; mas não aceitará que lhe ofereçam esta solução como exemplo. É somente comparando-se ao homem que se julgará inferiorizada (BEAUVOIR, 2019).

Já para Ribeiro (2021), uma das formas de se combater a violência simbólica e os diversos tipos de violência de gênero que a mesma explica como “[...] desequilíbrio existente nas relações sociais, entre fortes e fracos, opressores e oprimidos. Quando este desequilíbrio ocorre em razão do gênero, tem-se a violência de gênero” (RIBEIRO, p.84, 2021) é o conhecimento muito embasado nas pautas da luta feminista. O conhecimento é libertador e

serve como um ponto de luz para todas as mulheres, fazendo com que elas percebam ao que estão sendo submetidas dentro daquele contexto social e utilize dele para sua luta e libertação,

O conhecimento é sempre libertador e revolucionário. Só o conhecimento é capaz de romper com véu da invisibilidade social da mulher. Quando não se tem conhecimento, abre-se espaço para discursos de senso comum. Por outro lado, a educação é um instrumento que contribui efetivamente para as mudanças sociais (RIBEIRO, 2021, p.9).

Todavia, este papel estereotipado da violência simbólica masculina em relação a inferiorização histórica da mulher, é reforçado pelas imagens, mídias e influências, normalizando-a e dificultando o seu enfrentamento, como explica Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022),

A construção de uma sociedade por meio de estereótipos – que ajudam a captar e a assimilar os fatos externos – acaba por contribuir na decodificação de algumas mensagens, mas também geram padrões nem sempre justos e adequados para os membros dessa sociedade (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p.86).

Uma sociedade onde as imagens reforçam esta narrativa, faz com que as pautas sociais e a defesa delas sejam completamente omissas ou irrelevantes para o público dominador ou que não está sendo impactado é um complemento essencial na aceitação do grupo dominado. Esta construção de imagem não é acidental, muito pelo contrário, é proposital, até que um ponto elas deixam de ser uma ideia e se torne verdade ou a realidade, conforme complementa Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022),

Adaptamo-nos a imagens de mundo e passamos a viver sob a ótica que nem sempre é justa ou faça sentido. E essas imagens não são acidentais. São construídas ao longo do tempo. Mídia, poder público, líderes de opinião/influenciadores, dentre outros, acabam por nos pautar determinadas discussões que com o tempo chegam a se tornar “realidade” (KUNSCH, LIMA e SAMPAIO et al, 2022, p.86).

O carnaval que apresenta criticidade em seus temas, também ajuda identificar em qual momento político estamos vivenciando, ajuda na construção de uma identidade brasileira incomparável, explora contextos que reprimimos e contribui para uma reflexão no que tange às questões sociais, podendo se tornar um grande aliado na luta contra essas violências em relação às mulheres,

Dando continuidade a este lado original do nosso carnaval, que o diferencia de qualquer outro, as escolas de sambas têm exercido um magnífico papel no resgate de personagens e episódios da nossa história, muitos até desconsiderados pela história oficial. Quantas figuras marginalizadas, quantos momentos importantes na formação do nosso país, ignorados dos livros didáticos, ganharam sua devida dimensão através dos enredos das escolas e seus sambas. (COSTA, 2012)

É através deste conceito de apresentar temas críticos e relevantes que no próximo capítulo vamos abordar o método utilizado, entrevistando integrantes chaves no processo de

construção do carnaval em nosso objeto de estudo a G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio e correlacionando com os conceitos abordados neste artigo.

## 6. CAPÍTULO IV - REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CARNAVAL

Este capítulo aborda a pesquisa exploratória realizada na escola de samba G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio, com o objetivo de descrever e analisar como a comunicação, enredos e a construção do desfile contribui para a representação feminina na escola e na sociedade. O primeiro tópico abrange breve discussão teórica da metodologia utilizada segundo Barros (2005) e Gil (2002), seguida da contextualização do objeto estudado. Na sequência, são apresentadas as análises e as interpretações dos dados coletados através das entrevistas e sua relação com as discussões teóricas já apresentadas no decorrer deste artigo.

### 6.1 METODOLOGIA: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

O estudo investigará de que forma a comunicação pode contribuir para o fortalecimento da representatividade feminina no carnaval de São Paulo, por se tratar de um tema complexo (representatividade), mas com pouca adesão dentro deste contexto (carnaval) na criação de artigos da área, utilizaremos um estudo exploratório, com o intuito de proporcionar uma visão ampla e atuar em diferentes focos “seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 41).

Ainda segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória “têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41), método este que será utilizado para a construção do referencial teórico. A pesquisa envolve levantamento bibliográfico que inclui livros, artigos de periódicos científicos, dissertações e teses, documentos, análise das entrevistas realizadas com personagens que idealizam os desfiles e citações presentes em conteúdos audiovisuais que transmitem mensagens sobre o poder feminino dentro desta grande festa da cultura popular brasileira.

Também foram realizadas entrevistas semiabertas e em profundidade com o carnavalesco Murilo Lobo, responsável pela construção do enredo e desfile, com a ritmista Gabriela Oliveira e a Vice-Presidente da escola Mariangela Moura, que participam e vivenciam o carnaval em diferentes setores da escola, mas com a mesma importância, sendo avaliados em diversos quesitos de julgamento durante o desfile.

Para desenvolver este estudo utilizei a abordagem qualitativa, empregando a pesquisa bibliográfica e entrevistas em profundidade semiabertas. Esta abordagem foi escolhida, pois “[...] os procedimentos quantitativos às vezes são menos valorizados por seu caráter

reducionista” (BARROS, 2005, p.26), ou seja, a pesquisa quantitativa é muito limitada para explicar os assuntos envolvidos, como o tema de representação e identidade da mulher. Já os estudos qualitativos, além de ser mais usual nas ciências humanas, também contribuem para uma análise mais empírica e próxima devido sua correlação com a realidade social. É nela que coletamos os dados, nos aproximamos do objeto de estudo e utilizando a base teórica utilizada, permite que estruturamos um relatório com uma interpretação mais verídica do fato, conforme afirma Gil (2002),

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002, p.133).

Para alcançar esses pressupostos teóricos qualitativos, utilizamos a pesquisa bibliográfica que “[...] é o planejamento global inicial e qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado” (BARROS, 2005, p.51).

Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, sua finalidade é explicar conceitos que serão utilizados no decorrer do trabalho para explicação da monografia final. A pesquisa será desenvolvida “[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44), com o intuito de enriquecer conceitualmente o trabalho para um melhor entendimento da problemática em questão, serão utilizado livros de referências sugeridos pela orientadora e por estudiosos no assuntos, conforme sugere Gil (2002) “para identificar as fontes bibliográficas adequadas ao desenvolvimento da pesquisa, a contribuição do orientador é fundamental. Recomenda-se também a consulta a especialistas ou pessoas que já realizaram pesquisas na mesma área” (GIL, 2002, p. 64).

Na primeira etapa foi trabalhada a definição do tema de estudo que iria ser discutido no decorrer da pesquisa inteira. No início, a única certeza, era o desejo de desenvolver um estudo sobre a relação da comunicação e o carnaval, por ser duas paixões pelo qual já estou familiarizado, porém, devido a amplitude de ambos os temas tipo, foi necessário delimitar a pesquisa nos aspectos geográficos – a cidade de São Paulo –, sociais – a questão da violência contra a mulher – e organizacional – a escola de samba G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio, Barros (2005), elucida que este processo geralmente não é problemático e está relacionado a algo que nos instiga e que nos provoca querer desvendar “de modo geral, tal definição não é problemática porque ele geralmente escolhe para pesquisar um assunto que lhe instiga, que de

alguma forma já lhe é familiar ou para o qual vem envidando esforços há algum tempo” (BARROS, 2005, p.55).

Em seguida, foi necessário definir os estudiosos e teorias que iriam ser a base estrutural de toda a pesquisa bibliográfica onde optou-se por buscar em bibliografias especializadas “[...] publicações que contém a relação de obras publicadas sobre determinado assunto, em um período específico” (BARROS, 2005, p.56), resumo de teses e dissertações “[...] publicações que contém a indicação do autor, título, orientador, ano e universidade das dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação de uma instituição ou país” (BARROS, 2005, p.52) e, por fim, a busca em portais na internet que “[...] são a porta de acesso a vários serviços e informações, inclusive bibliográficos, disponível nos sites das instituições mantenedoras” (BARROS, 2005, p.52), materiais estes que foram adquiridos em bibliotecas físicas e virtuais e na internet.

Já na segunda etapa do desenvolvimento desta pesquisa, devido ao seu alto teor sociocomunicacional, foi utilizado o método de entrevista individual em profundidade que é uma “[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.” (BARROS, 2005, p.62), que permite a busca da intensidade nas respostas, não em quantificá-las ou transformá-las em dados estatísticos.

Ainda para Barros (2005), “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (BARROS et al, 2005, p. 61), sendo um dos principais instrumentos para “fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (BARROS et al, 2005, p. 61), tornando-se um instrumento de pesquisa ideal para as respostas das pressuposições levantadas e, conseqüentemente, da pergunta problema.

A entrevista em profundidade tem uma relação muito forte com a pesquisa bibliográfica, o que consegue enriquecer o andamento da pesquisa e direcioná-la para a resolução do problema de estudo, colhendo estas respostas através das vivências dos entrevistados, conforme afirma Barros (2005) “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (BARROS, 2005, p.62).

O motivo da utilização deste método, é que ele permite identificar e responder questões empíricas que estão relacionadas ao problema de estudo, é através deste método que

conseguimos trazer à tona fatos e construções de histórias que ainda não foram desvendados ou discutidos por estar interiorizado nas vivências e emoções do entrevistado “a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (BARROS, 2005, p.64), com o objetivo de compreender a questão estrutural do problema e propor soluções para a resolução, conforme completa Barros (2005),

Por meio da entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, entender como os produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para uso de determinado serviço, conhecer as condições para uma assessoria de imprensa ser considerada eficiente, identificar as principais fontes de informação jornalística que cobrem economia (BARROS, 2005, p.63).

Este modelo de entrevista tem como protagonista o entrevistado, pois é através dele que conseguimos elucidar as questões desenvolvidas, respeitando suas experiências e conhecimentos sobre o assunto, como completa Barros (2005) “a entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador” (BARROS, 2005, p.66).

Devido a isto foram selecionados para responder estas perguntas integrantes chaves em diferentes setores da escola, onde foi entrevistado a Vice Presidente da escola Miriângela Moura, voz ativa nas decisões da escola em basicamente todos os setores pré e pós carnaval e que está na escola desde sua fundação. A ritmista Gabriela Almeida, que entrou na escola este ano (2022) tocando ripa – ou repinique –, instrumento que geralmente não é tocado por mulheres devido a complexidade e importância. E, por fim, o experiente carnavalesco Murilo Lobo, que está na escola desde 2017 e foi responsável por toda a concepção do carnaval que será levado na avenida e também responsável pelo enredo campeão do grupo de acesso de 2022 “Ô abre alas que elas vão passar”, que traz uma reflexão pertinente e que reconhece a significativa e valorosa participação das mulheres no samba e no Carnaval.

Para correlacionar ao máximo as teorias abordadas no decorrer desta pesquisa e chegar a uma conclusão mais precisa sobre o problema de estudo, foi realizado um roteiro de 11 perguntas direcionando o entrevistado a delimitação proposta no problema de pesquisa. Devido este pré-roteiro a entrevista em profundidade pode ser considerada como semiaberta, pois segundo Barros (2005) é um “modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guias que dão cobertura ao interesse da pesquisa” (BARROS, 2005, p.66).

Para valorizar a abrangência das referências teóricas utilizadas nesta pesquisa, a construção do roteiro foi dividida em três tópicos, conforme orientação de Barros (2005) “[...]”

durante a preparação do roteiro-guia, uma relação com tópicos relevantes relacionados a cada questão” (BARROS, 2005, p.67), sendo eles:

1. A relação do carnaval e da escola com as lutas sociais e, conseqüentemente, sua contribuição para a representatividade feminina;
2. Como é feita a comunicação interna e externa da escola e como é trabalhada a imagem da mulher;
3. Os impactos que os desfiles, projetos e comunicações podem ter sobre a sociedade e sobre o público que frequenta a escola em relação à representatividade feminina.

Que foram representados no questionário nas perguntas abaixo:

Tópico um “a relação do carnaval e da escola com as lutas sociais e, conseqüentemente, sua contribuição para a representatividade feminina”, representado nas perguntas abaixo:

*1. Por ser ligado muito a tradição passada de décadas em décadas, você acredita que o carnaval é um forte propulsor das lutas sociais?*

*2. Em sua visão, como a escola enxerga a figura da mulher?*

*3- A representatividade das mulheres é importante para a escola de samba? Como vocês enxergam a figura da mulher no que antecede os desfiles, durante e após o evento? Existe algum programa/projeto para auxiliar/orientar/desmistificar em relação ao comportamento/percepção da sociedade patriarcal × mulher (violência/sexismo/gênero). Qual a postura da escola?*

*4. Como é a contribuição feminina dentro da escola?*

Tópico dois “Como é feita a comunicação interna e externa da escola e como é trabalhada a imagem da mulher”, representado nas perguntas abaixo:

*5. Como é feita a comunicação da escola internamente? (Como os integrantes são informados do evento)*

*6. Como é feita a comunicação para o público? É uma equipe? É voluntariado da própria comunidade?*

7. *Quais são seus principais canais de comunicação para realizar convites, convidar pessoas para visitar a quadra ou contribuir com o carnaval de alguma forma?*

8. *Como é trabalhado as mulheres nestas comunicação?*

Tópico três “Os impactos que os desfiles, projetos e comunicações podem ter sobre a sociedade e sobre o público que frequenta a escola à representatividade feminina”, representado nas perguntas abaixo:

9. *Ainda percebe muitos preconceitos em relação aos estereótipos estabelecidos nas mulheres, vindos de pessoas que não estão no dia a dia da escola? (Mulher que quer se mostrar, vive mostrando as bundas, vulgares...)*

10. *Nos desfiles que são uma maneira de se comunicar com o público, o tema da representação feminina está cada vez mais evidente, o que você acha disso? A tendência é que isto contribua de que forma para a sociedade?*

11. *Com o passar do tempo, você observou muitas mudanças no público que frequenta ou acompanha a escola? Se sim, quais?*

É importante ressaltar, que durante o processo de realização das entrevistas, o roteiro não foi seguido precisamente, isto se dá, pois por ser em profundidade, muitas vezes uma mesma resposta, responde as perguntas futuras, mudando a ordem da entrevista ou até mesma concepção da pergunta, este processo também é explicado por Barros (2005),

A lista de questões-chaves pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em um só, por exemplo. Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente (BARROS, 2005, p.66).

A entrevista foi feita online através da gravação de áudio e vídeo o que possibilita a atenção maior no que o entrevistado está dizendo e no seu gestual, sem precisar ficar realizando anotações de todas as respostas, esta é uma grande vantagem da gravação “o gravador possui a vantagem de evitar perdas de informação, minimizar distorções, facilitar a condução da entrevista, permitindo fazer anotações sobre aspectos não verbalizados” (BARROS, 2005, p.77).

Além disso, a gravação por áudio e vídeo permite com que a entrevista seja gravada na íntegra, sem cortes, sem nuances, o que facilita o processo de recuperação do que foi dito,

podendo assim aproveitar os principais pontos e respostas da entrevista “A gravação possibilita o registro literal e integral. Apesar de certa discussão, a experiência indica que não afeta o resultado e oferece maior segurança à fonte” (BARROS, 2005, p.76).

Conforme orientação do autor, antes de começar a entrevista o entrevistado foi notificado que ela seria gravada e, que, caso não se sinta confortável em documentar determinada resposta, poderia pular ou não responder “é importante demonstrar que irá usar o gravador e verificar se o entrevistado não se sente desconfortável” (BARROS, 2005, p.76). A ideia era deixar os entrevistados o mais à vontade possível para falarem sobre o tema, sem medo de futuras retaliações, como complementa Barros (2005) “embora possa eventualmente levar à desconfiança ou ser inibidor nas primeiras perguntas, em geral a fonte rapidamente responde com naturalidade” (BARROS, 2005, p.76).

Após a gravação, foi feita a escuta e transcrição de todo o conteúdo coletado, com objetivo de revisar e reparar em frases ou gestos que passaram despercebidos durante a entrevista, conforme explica Barros (2005) “ouvir a transcrição ajuda o entrevistador a perceber nuances, detalhes e questões que o ajudarão nas novas entrevistas, até mesmo na correção de seus próprios erros de condução” (BARROS, 2005, p.77).

Os arquivos ficarão guardados por um tempo considerável para consulta dos leitores deste trabalho, sendo disponibilizado nas referências bibliográficas, instrução esta que Barros (2005) também indica “o ideal é manter a gravação até, pelo menos, algum tempo após a publicação do trabalho” (BARROS, 2005, p.77).

Logo após o processo de transcrição do áudio, foi separado algumas partes para utilização que irão nortear o capítulo, sendo divididos nas categorias de perguntas para responder os objetivos específicos já apresentados no trabalho, para Barros (2005), este trabalho de categorizar as respostas facilita no processo de construção do conteúdo,

O pesquisador, sem perder de vista os objetivos do trabalho, classifica as informações a partir de determinado critério, estabelecendo e organizando grupos de temas comuns, como que as agrupando em “caixas” separadas para se dedicar individual e profundamente a cada uma (BARROS, 2005, p.79).

Por fim, todo conteúdo coletado, vai ser utilizado para a resposta de nossa pesquisa problema, sendo assimilado com toda a base teórica elucidada nos três primeiros capítulos, com o intuito de trazer a análise crítica e alternativas para os eventuais problemas e comentar as principais soluções desenvolvidas pelo objeto de estudo, conforme finaliza Barros (2005),

Mais do que uma técnica de coleta de informações interativa baseada na consulta direta a informantes, a entrevista em profundidade pode ser um rico processo de aprendizagem, em que a experiência, visão de mundo e perspicácia do entrevistador afloram e colocam-se à disposição das reflexões, conhecimento e percepções do entrevistado (BARROS, 2005, p.81).

No próximo capítulo, vamos desvendar brevemente a história da G.R.E.C.S. Estrela do Terceiro Milênio, com o intuito de apresentar a escola, sua localização e a contextualização do enredo apresentado “Ô! Abre alas que elas vão passar”, já utilizando dos recursos coletados na entrevista em profundidade.

## 6.2 A ESTRELA QUE BRILHOU NO GRAJAÚ

Quando vamos pesquisar sobre a G.R.C.E.S Estrela do Terceiro Milênio nos deparamos com a escassez de fontes de notícias confiáveis que explique sua história, sua construção e como ela se formou, por isso, a entrevista com a Vice Presidente Mirangela Moura foi essencial, para nos colocar dentro do objeto de estudo com a vivência de sua construção, já que conforme a mesma explica, não teve formação no samba, mas a sua vivência dentro do samba, foi construída paralelamente com a história da Estrela do Terceiro Milênio,

Então, como é a sua história? Bom, meu nome é Miriângela, né? Eu tenho 49 anos de idade. Eu sou professora de formação, né? Trabalho há 30 anos só com educação infantil. E hoje eu sou diretora de uma escola, né? ‘Tô’ com a gestão escolar aí de uma creche. E no carnaval, a minha história, ela é paralela à história da terceira milênio, né? Eu não tenho berço cultural de carnaval. Eu entrei já nessa história depois de adulta, né? Fui convidada por um irmão meu, que foi o primeiro cantor, o primeiro intérprete da terceira milênio, no primeiro ano que a escola foi, né, trabalhar um samba enredo, pra ajudar, né? Ele queria uma ajuda no sentido de fazer fantasia, trazer aqui um pouco de criatividade, porque a escola começou do zero, era muito pequenininha, poucos componentes, e era tipo uma mão lava outra, né? (MOURA, 2022)

A fundação da escola foi no dia 05 de maio de 1988 por Silvio Antônio de Azevedo, também conhecido na comunidade, por Silvão Leite – que retorna à presidência da escola neste ano (2022) –, carrega consigo as cores vermelho, azul, branco e verde e tem como símbolo o animal coruja (LIGASP, 2022). A escola hoje se localiza na Zona Sul de São Paulo no bairro do Grajaú e no início gerou dúvidas, conforme explica Moura (2022),

Então eu tinha uma série de tabus mesmo em relação a isso, e quando meu irmão era envolvido com samba, com música, e quando ele chamou, assim, ah, vamos, né, vem ajudar, é uma escola que a gente tá querendo montar no Grajaú, e eu ainda brinquei, ah, mas nossa, escola de samba aqui no Grajaú deve ser uma coisa, né? Porque não era nada, né? Era uma sementinha que ‘tava’ sendo plantada ali no meio do Grajaú. (MOURA, 2022)

Moura (2022) em um momento posterior da entrevista, volta a falar da localização da escola e cita os estereótipos que rondam o distrito do Grajaú em uma entrevista que foi feita, ela realça que apesar da escola estar localizada em um bairro nobre, hoje eles estão procurando projetos para envolver o entorno da população, que está em estado de maior vulnerabilidade, principalmente as crianças e os idosos.

Então o Grajaú é um distrito extremamente grande, né? Quando você fala para uma pessoa que é mais distante, ah, é o Grajaú, você tem uma ideia assim de comunidade, de agressividade, é uma coisa pesada, né? E o Grajaú, por ser muito grande, a Terceiro Milênio, ela está num espaço, na verdade, ali não é bem Grajaú, ali é Jardim Parque São Paulo, né? Compõe o distrito de Grajaú, mas é uma região nobre, é uma região nobre dentro desse distrito do Grajaú, né? E aí, se você vai subindo, você vai entrando nas comunidades mais carentes e tudo mais, né? E é uma região muito populacional (MOURA, 2022).

Ainda segundo a entrevistada, a escola vem se consolidando com temas de pautas sociais nos últimos anos, nos últimos carnavais, com o intuito de levar a cidadania para a sua comunidade, de levar a reflexão para essas pessoas que participam e acompanham a escola diretamente ou indiretamente no entorno, com o intuito de causar a mobilização e provocar mudanças naquele contexto social,

Então, a gente tem isso muito forte dentro da gente, de fazer crescer esse poder de cidadania, de que a pessoa é capaz de fazer algo diferente por si mesma, pelo meio que vive, pela sociedade, por sua família, enfim, né? É esse, acho que vem sendo muito forte isso dentro da Terceiro Milênio, de trazer essa possibilidade de conhecimento para o componente, dessa força que ele tem de ação (MOURA, 2022).

Por fim, a escola de 24 anos terá sua primeira oportunidade no grupo especial paulistano em 2023, graças ao enredo marcante, forte e campeão apresentado no grupo de acesso de 2022, que realça a força e a luta das mulheres em todos os setores, vamos abordar o enredo no próximo tópico deste capítulo.

### 8.2.1 “Ô Abre alas que elas vão passar!”

Para nos contextualizar sobre qual a ideia deste enredo e como foi concebido na avenida, chamamos o criador e realizador do enredo, o arquiteto pós graduado em carnaval, que trabalha diretamente com essa festa popular há mais de 20 anos e atual e carnavalesco da Estrela do Terceiro Milênio: Murilo Lobo. Para Lobo (2022), o carnaval é um lugar de se levantar questões e reflexões profundas de histórias que não foram contadas e que não encontramos nos livros didáticos, justamente que o carnaval se concebeu da cultura negra, que até hoje sofre muitos preconceitos e que este espaço dá a oportunidade de elucidar temas e pautas sociais que devem ser ouvidas, questionadas, mas principalmente, resolvidas, conforme realça Lobo (2022), quando questionado se o carnaval é um forte propulsor de lutas sociais,

Eu acho que sim, durante um tempo, historicamente falando, os temas foram nacionalistas, né, foram comemorativos, foram destacando os grandes heróis da história, coisas assim, e de 70 pra cá, a coisa foi mudando muito, porque o carnaval se permitiu se decolar da história que nos foi contada pra fazer uma avaliação crítica da realidade do país, e aí começaram a surgir aí enredos irreverentes, enredos críticos, enredos políticos, e o carnaval encontrou realmente um espaço, se tornou um espaço de levantar questões, de levantamento de questões, de reflexões muito profundo (LOBO, 2022).

Lobo (2022), também completa sua resposta, enfatizando a importância de discutir estes temas em espaços que antes não eram dados ao carnaval, como as mídias, a TV etc. Mas também discutir este tema na comunidade, fazer as pessoas que estão vendo o carnaval refletirem sobre aquilo e quebrar paradigmas de preconceito, de injustiças históricas e construir uma visão crítica sobre estes temas para serem combatidos de uma maneira saudável e necessária na sociedade. Para o carnavalesco, levar esses temas de pautas e de lutas sociais, hoje, é o papel de uma escola de samba e a contribuição dele para aquela comunidade e para quem está assistindo aquele espetáculo,

Então a arte carnavalesca encontrou sim, no espaço do desfile da cada ano com seu enredo, a oportunidade de falar coisas que são necessárias de ser ditas, que calam fundo a uma comunidade e que combatem especialmente essas injustiças históricas desse país, então o machismo, o preconceito racial, porque o samba também sofreu preconceito, o samba não foi visto como algo bacana inicialmente pela elite que governava o país ou que comandava a economia, sempre foi uma coisa de segunda categoria, demorou muito tempo para as escolas de samba começarem a se juntar à elite do país de alguma forma e ter espaço na mídia, sabe assim, e ter possibilidade de levar longe a sua mensagem, então eu acho que hoje o papel de uma escola de samba quando escolhe um enredo, é realmente pensar o que é que aquela comunidade precisa ouvir ou precisa dizer ou precisa pensar (LOBO, 2022).

Pensando nesta necessidade de discutir pautas sociais, Lobo (2022) começou a escrever o enredo campeão de 2022 do grupo de acesso “Ô abre alas que elas vão passar”, muito influenciado pela perda de sua esposa, que participou de toda sua evolução como homem e como artista, desta perda veio o questionamento “[...] quando ela se foi eu fiz uma reflexão sobre quem eu era e quanto ela tinha me ajudado a ser quem eu era” (LOBO, 2022). Lobo (2022), estudou 16 biografias e encontrou pontos em comuns: o enfrentamento de preconceitos e a necessidade de quebrar barreiras impostas, e então surge a proposta do enredo de exaltar que o lugar da mulher, é aonde ela quiser, conforme completa Lobo (2022)

E aí você vai entendendo que mesmo a escola de samba sendo um lugar em que se reúne uma diversidade gigante de pessoas, ali também existia o preconceito. E a gente tinha que escancarar de alguma forma e trazer uma mensagem que dissesse, opa, o lugar da mulher é onde ela quiser. Ela pode ser mestre, ela pode tocar os surdos de terceiro, os surdos de primeiro, ela pode qualquer coisa, se você der espaço a ela. (LOBO, 2022)

A proposta de Lobo (2022), foi delimitada para o espaço do samba, que também é um reflexo da sociedade machistas, e a ideia do enredo não é apenas de demonstrar esta violência, mas de dar luz a grandes nomes femininos dentro deste contexto e pedir espaço para que as mulheres também conseguissem conquistar seu espaço, através do seu talento e da sua dedicação.

E a gente resolveu fazer um enredo que falasse a respeito disso e que trouxesse um gesto, um manifesto a favor de que nas mesas de rodas de samba, ou nas mesas

diretoras de ligas, de onde for, de presidência, de escolas, sempre houvesse o espaço reservado para elas. Que a gente mudasse a nossa postura de achar que só os homens podem comandar, que só os homens podem compor, que só os homens podem tocar, que só os homens podem dirigir e dar espaço para que elas pudessem pelo menos mostrar o seu talento e conquistar o seu espaço. Não dar, na verdade, o seu prêmio a elas, mas dar a oportunidade de poder mostrar pelo prêmio, que isso era muito mais humano, mais justo e mais digno (LOBO, 2022).

O resultado surpreendeu o carnavalesco que, com brilho nos olhos, relata o que viu no momento do desfile e conclui que não era um tema qualquer, era um tema que precisava ser exposto, era uma questão que precisava ser repensada, para ser discutida não só no âmbito do carnaval, mas também em outros setores, conforme conclui Lobo (2022),

E eu falei, nossa, que mágico isso, será que isso vai acontecer no Anhembi? E isso aconteceu lá também. Então, você via mulheres de todos os níveis sociais, brancas, negras, morenas, loiras, cantando e quando chegava nesse refrão, você via elas sabradando aquilo, ou seja, era uma questão que tinha que ser levantada, é uma questão ainda a ser discutida, a ser repensada em todos os setores, não só no samba, mas na vida da brasileira (LOBO, 2022).

A presidente Miriangela também teve esta mesma percepção e durante sua entrevista também evidenciou este momento,

E a gente ficou muito surpresa, assim, a gente realmente, a gente... Quando a gente entrou na avenida pra desfile, foi uma surpresa muito grande pra gente, de a gente ver a comunidade cantando com força, e a arquibancada inteira cantando com força, isso pra gente não teve preço, e foi exclusivamente a voz feminina aparecendo ali, né? E a força que isso tem. A gente tinha receio disso não aparecer, e de repente foi uma coisa que tocou todo mundo, né? (MOURA, 2022).

É através deste momento, desta necessidade que vamos trabalhar os próximos tópicos deste capítulo, levando em consideração como a comunicação e o carnaval podem contribuir para as lutas das mulheres e a diminuição em relação ao seu preconceito.

### 6.3 A COMUNICAÇÃO CAI NO SAMBA!

O objetivo deste tópico é capturar como está estruturada a equipe de comunicação da escola, como são publicadas estas comunicações e como é trabalhada a imagem da mulher dentro delas. Para chegar a estas respostas utilizaremos do conhecimento dos três entrevistados, fazendo contrapontos e pontos semelhantes para os três.

A primeira resposta que obtive foi logo na primeira entrevista com o carnavalesco Murilo Lobo, onde o mesmo diz que a comunicação da escola é discutida pelas Diretorias da escola e que hoje, a escola também possui uma diretoria de comunicação, que é comandada por uma mulher, Lara Schultz, especializada em assessoria com a imprensa, onde todos os pedidos referentes à comunicação interna e externa têm ela como ponto central, conforme afirma Lobo (2022),

Bom, a gente tem uma diretoria, né? Na Milênio, que decide todos os passos, tudo o que a Milênio vai dizer, tudo o que a Milênio vai fazer, a diretoria pensa a respeito, ouve os profissionais. Temos uma assessora de imprensa mulher, que é a Lara Schultz, então assim, a gente conversa sobre o que a gente vai fazer, a gente decide a comunicação, passa para a pessoa responsável que é ela, para poder comunicar a comunidade quando são flyers, quando são coisas assim (LOBO, 2022).

Esta informação também foi confirmada pela Vice Presidente Moura (2022), onde ela ressalta a importância desta “líder de comunicação”, principalmente na comunicação para o público externo, onde ela desempenha um papel primordial para que a escola sempre esteja em evidência ou nos sites de notícia, na mídia e nos demais canais de comunicação com o público, como complementa Moura (2022),

A gente tem essa nossa líder de comunicação por ela ser repórter e ela ter bastante conhecimento, assim, ela acaba colocando muita coisa da escola na rede, em reportagens e tudo mais. Então a gente sempre desponta em alguma coisa, porque ela tem esse viés aí com a comunicação externa, né? De jornal, de mídia e tudo mais. E acaba colocando bastante a gente na mídia. (MOURA, 2022)

Um fato interessante, é que grande parte dos líderes de todas as diretorias da Milênio são formadas por voluntários, ou seja, as pessoas que tomam as decisões da escola em diferentes setores, são voluntários, que muitas vezes mantêm uma jornada dupla com seu trabalho formal e seu compromisso com as escolas e seus integrantes, conforme explica Lobo (2022),

A Milênio é bastante interessante nesse aspecto, porque nenhuma pessoa, nem o presidente, nem a vice presidente vivem do carnaval. A vice presidente é diretora de escola, o presidente atual é da equipe política, então, assim, são pessoas que têm suas carreiras e seus trabalhos. E, na realidade, vão nos ajudar a gerir o carnaval trazendo alguns profissionais (LOBO, 2022).

Contudo, a diretoria de comunicação não é voluntariado, sendo uma das poucas diretorias onde é liderada por uma profissional contratada que se especializou em carnaval, ou seja, a escola valorizando os profissionais para assumir um posto de importância não só para o público interno, mas para todos os públicos que desejam contemplar o carnaval, que vivem neste universo ou que está adentrando neste universo. Esta decisão da diretoria da escola se deu por conta do tempo de dedicação e da necessidade de manter uma identidade visual em suas comunicações e um planejamento estratégico delas, conforme ressalta Lobo (2022),

Nós temos uma assessora de imprensa contratada, porque ela é especializada em carnaval, então, a gente tem que reconhecer que existem algumas especialidades, algumas profissões em que você precisa fazer uso do profissional certo. O voluntário, ele sempre tenta ajudar alguma coisa, mas, assim, comandar, levar adiante é um empenho que demanda horas, aí você não pode pedir para o voluntário fazer isso. Não quer dizer que, de repente, em uma equipe de comunicação você possa ter dois ou três apoios da escola que possam vir para algumas ações e tudo mais, mas o profissional contratado você tem que ter hoje em dia para poder comunicar tudo, fazer o plano geral da escola (LOBO, 2022).

E, aparentemente, este esforço vem dando certo, conforme completa a ritmista Gabriela Almeida, que mesmo não participando das decisões da diretoria da escola, consegue reconhecer

a identidade individual proposta “[...] olhando por fora acredito que sempre seja pela equipe pois eles tem uma identidade visual, é sempre daquele mesmo jeito, aquela coisa que te remete, você percebe que é um post da milênio sem precisar ler, pela identidade visual” (ALMEIDA, 2022).

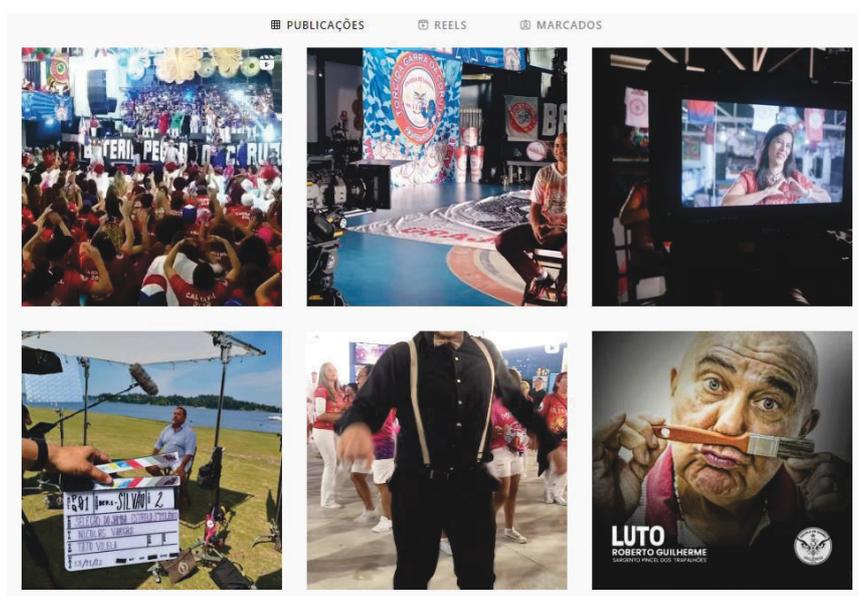
Mas apesar de sempre estar presente nas mídias, a escola trabalha com poucas redes sociais, hoje conforme afirmam os três entrevistados a comunicação para o público externo são apenas via Facebook e Instagram, “[...] a princípio a gente ‘tava’ trabalhando só com o Instagram e Facebook, a comunicação mais direta. Facebook funcionou muito tempo atrás, agora o Instagram é o que traz mais retorno” (MOURA, 2022), e, elas se limitam à divulgação de eventos na quadra, horários de ensaios e pequenos projetos pré e pós carnaval, “não, a gente, na verdade a gente traz mais recados gerais, né? Mas tem sempre a figura da mulher presente, né? Mesmo porque seja um ensaio, seja um evento, a mulher tá sempre presente.” (MOURA, 2022).

Por ser uma equipe liderada por uma mulher e uma escola que vem tratando deste tema assiduamente, aproveito o gancho e pergunto para os entrevistados como a mulher é trabalhada nas comunicações para o público externo e as respostas são muito positivas, pois a escola ao máximo tenta combater o estereótipo de sexualização da mulher durante e tenta ao máximo trabalhar a mulher em diferentes setores no pré e pós evento, conforme evidencia Lobo (2022),

Na comunicação da escola, tudo o que a gente tem de flyers e tudo mais, sempre tem mulheres, e mulheres das mais variadas, sabe, que são chefes de ala, que são componentes, não só as assistas, sabe, eu acho que a figura da mulher como beleza e objeto, ela já ficou um pouco batida até no Carnaval. O que a gente quer ver hoje é samba no pé, que é uma outra coisa, sabe? Então assim, não importa se ela é plus size, mas se ela sambar muito, sabe, e tiver uma coisa incrível assim, chamar o público, fazer o público reagir, é isso que a gente quer, sabe? (LOBO, 2022)

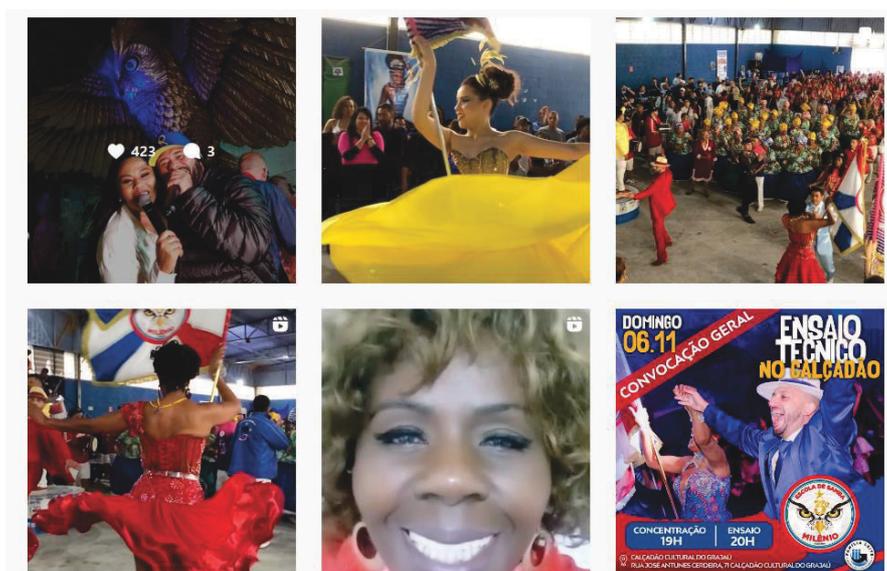
Este fato elucidado por Lobo (2022) e Moura (2022), é visível nas últimas postagens no Instagram da escola, onde a figura da mulher quando trabalhada de uma maneira espontâneas, sem limitações de espaço e sem danos a sua imagem ou reforços de preconceitos pré-estabelecidos, conforme evidência abaixo:

**Figura 1: Feed do instagram**



Fonte: Página Estrela do Terceiro Milênio no Instagram<sup>1</sup>

**Figura 2: Feed do instagram**



Fonte: Página Estrela do Terceiro Milênio no Instagram<sup>1</sup>

Já para Almeida (2022), este fato também se dá por um fortalecimento da imagem da escola, pois devido apresentar um enredo emblemático e com uma pauta social tão forte, é importante que a escola mantenha com os valores que foram defendidos, no enredo que deu a vitória para eles, conforme explica Almeida (2022) “eu não vejo a milênio fazendo posts ativos, vou fazer um post para chamar a atenção, isso eu nunca vi, mas eu já entrei em escola que se

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/terceiro\\_milenio/](https://www.instagram.com/terceiro_milenio/)>. Acesso em: 14 nov. 2022.

discutia esses assuntos, seria um tiro no pé ela fazer isso por conta do enredo” (ALMEIDA, 2022).

Na visão do carnavalesco, justamente por acreditar que o carnaval nos últimos anos vem ganhando forças para combater e explicar este tipo de pauta social, utilizar o corpo da mulher, do negro ou de pessoas LGBTQ+ de acordo com os preconceitos predominantes da sociedade, é coisa do passado, hoje o carnaval segue um novo modelo de comunicar e de se fazer, como explica Lobo (2022),

Enquanto a mulher não tiver reconhecido a sua contribuição, enquanto a mulher não tiver o espaço igual ao dos homens, as possibilidades igualadas, é uma questão a ser levantada, assim como é o racismo e outras que estão rolando, que são realidades da nossa vida. A gente não pode cair nessa tolice, desculpe, bolsonarista, entendeu? Dizer que não existe preconceito no Brasil, entendeu? História. Quem vive com uma pessoa negra, quem convive com pessoas negras, sabe o enfrentamento diário que as coisas acontecem. Então, não podemos ficar numa bolha, temos que ver a realidade. Enquanto for necessário falar sobre isso, acho que o carnaval encontrará todas as formas possíveis de sempre trazer um argumento, de sempre trazer uma história para poder tentar mudar essa realidade (LOBO, 2022).

E, aparentemente, este esforço vem dando certo, conforme completa a ritmista Gabriela Almeida, que não participa das decisões da diretoria da escola, mas que consegue reconhecer a identidade individual proposta “[...] olhando por fora acredito que sempre seja pela equipe pois eles tem uma identidade visual, é sempre daquele mesmo jeito, aquela coisa que te remete, você percebe que é um post da milênio sem precisar ler, pela identidade visual” (ALMEIDA, 2022).

Um outro fator citado que contribui para este tipo de comunicação representativa e de quebra de paradigmas são ações que a escola fez durante o período do desfiles, onde foi realizada mudanças e pequenas mensagens em sua imagem, logotipos e até cores, conforme citado por Almeida (2022),

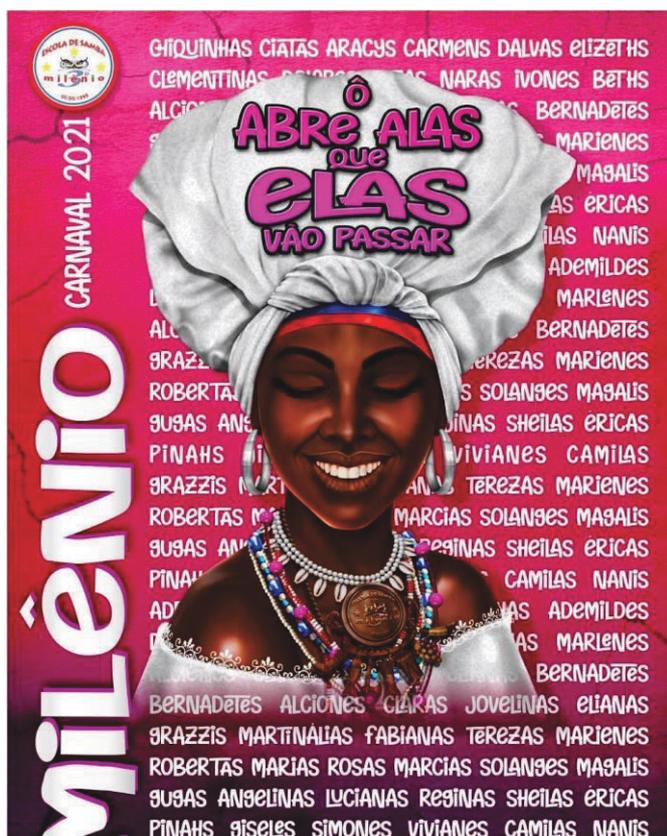
Um exemplo que eles fizeram isso tendo haver com o figurino, que era uma camiseta do enredo, rosa que está escrito nomes de mulheres, por exemplo para um enredo de mulheres, poderia ter uma mulher, mas na verdade tem nomes, então é uma memória de mulheres importantes, elas são importantes não pela aparência, mas pelo nome dela, que é muita vezes do jeito que os homens são lembrados (ALMEIDA, 2022).

Este projeto também é citado por Lobo (2022), que explica e dá mais detalhes de qual era a intenção em colocar os logotipos com os nomes,

Todos os nomes colocados naquela logomarca estavam no plural. Então, se eu tinha Grazi, eu tinha “Grazes”, que era para todas. Então, eu tinha “Paulas”, “Madalenas”, todos os nomes das mulheres da escola estavam lá. Todas as homenageadas que a gente estava homenageando, as convidadas, além disso, as mulheres da própria comunidade, as líderes da comunidade estavam ali com seus nomes estampados naquela logomarca. Então, houve esse cuidado também de não valorizar apenas as artistas, aquelas que conseguiram fama, mas aquelas que trabalham em prol do samba e do carnaval (LOBO, 2022).

O ato de representar as mulheres que fazem o carnaval, que participam deste processo, mesmo que mudando a imagem da escola, é um grande instrumento de representação para quem está dentro e participa assiduamente, mas para quem também está de fora e vê aquela cena.

**Figura 3:** Logotipo enredo “Ô abre alas que elas vão passar”



Fonte: Página Estrela do Terceiro Milênio no Facebook<sup>2</sup>

O turbante no logotipo, é para representar as primeiras mulheres no samba, que deram espaço a outras vozes e que abriram oportunidades para novas maneiras de enxergar a mulher – principalmente a negra – e seu espaço dentro do carnaval e no seu processo de criação, conforme explica Lobo (2022),

Eu tenho um detalhe para te contar também, acho que passou o batido da gente contar, que foi a própria logomarca do Carnaval das Mulheres, que eu decidi pedir para o desenhista fazer para mim uma mulher com um turbante, estou falando do começo do samba, então, se eu estou falando de samba e carnaval, as mulheres negras eram muito importantes naquele momento, começando por Tia Ciata, enfim, a grande mãe do samba, essa mulher que agregou pessoas para poder realizar a grande festa dos Bachacuns, e aí surgiu, nasceu o samba ali. (LOBO, 2022)

Outro ponto citado por Lobo (2022) foi a mudança das cores da escola na roupa do enredo, uma estratégia de imagem dos desfiles arriscada, que a princípio gerou desconforto, mas

<sup>2</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/terceiromilenio/photos/a.199781196803861/2967204273394859/?type=3>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

que chegou no resultado esperado, que era o de provocar, de literalmente vestir a camisa do enredo, vestir a camisa desta luta social e deixar a comunidade unida com um propósito que vai muito além das paredes daquela quadra, conforme explica Lobo (2022),

O logotipo tem mais uma importância que é a seguinte, você pensa numa escola de samba cujas suas cores são o azul, o vermelho, o verde e o branco, se vestindo inteira de rosa, que foi o que a gente fez. Então imagina, vestir uma escola inteira de uma cor que não era a sua cor. A gente começou o processo, alguns chefes de harmonia vieram falar comigo, escutam como é que vai ser a roupa de desfile, aí ficou uma questão de discussão, a gente vai fazer uma camisa na versão azul, eu falei, o quê? Não Você acha que você não pode se vestir de rosa, você não pode valorizar uma cor que, a priori, é uma cor tão feminina? Nós estamos fazendo uma homenagem a elas, não é uma coisa mais amorosa do que os homens se vestirem de rosa também, para chamar atenção para isso dentro de uma escola de samba. Vocês podem se vestir de rosas para estar ali fazendo uma homenagem e valorizando a mulher. (LOBO, 2022)

Na percepção do carnavalesco, no primeiro momento ele percebeu este desconforto levantando-se pela Diretoria de Harmonia nos integrantes da escola, mas que com o passar do tempo isto foi passando e se tornando algo natural e motivo de orgulho, como ele completa “foi curioso isso, senti que as pessoas, a princípio, tiveram essa reação, mas logo em seguida entenderam o mote, depois tiveram o maior orgulho de se vestir de rosa também, de levar o seu manifesto junto com a escola” (LOBO, 2022).

**Figura 4:** Ensaio da bateria (3 out. 2021)



**Fonte:** Página Estrela do Terceiro Milênio no Instagram<sup>3</sup>

Quando os entrevistados foram questionados por qual canal é realizado a comunicação interna da escola, a resposta foi unânime: via WhatsApp. Isto se dá, pois a escola é divididas em setores: bateria, harmonia, evolução, alas etc. E cada setor tem um papel e responsabilidade a depender do evento e do que foi proposto e decidido pela diretoria, fazendo com que o

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CUIIwhUvtSf>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

WhatsApp seja o principal canal de comunicação entre esses times, conforme explica Almeida (2022),

Uma escola de samba é querendo ou não uma empresa, ela tem setores, então eu participo e sou integrante do setor da bateria, eu não faço ideia de como é a comunicação das passistas por exemplo, ou das crianças, agora dentro da bateria, a comunicação ainda é subdividida entre os naipes e a maioria das comunicações é feita pelo WhatsApp, recados importante, mensagens, datas de ensaios, festas, qual será o uniforme/roupa da festa, qual o cronograma musical (setlist) de uma festa, então a maioria da comunicação pelo WhatsApp e também pelo Instagram, mas o Instagram é mais voltado para o público externo, interno atualmente é mesmo o WhatsApp. (ALMEIDA, 2022)

E que tem sua eficácia reforçada pela Vice-Presidente Moura (2022) que diz “[...] graças a Deus existe o WhatsApp hoje, facilitando a sua vida. Porque antes era muita reunião, muita coisinha para resolver nada, né? Hoje em dia o WhatsApp resolve muito. Então os grupos, eles acontecem, realmente funcionam muito” (MOURA, 2022).

As decisões da diretoria da escola, geralmente são tomadas em reuniões semanais e presenciais, com ao menos um participante de cada setor da escola, onde discutem, conversam sobre alguns pontos no que se refere a agremiação e o planejamento de futuros eventos. Após a tomada de decisão, as informações são distribuídas para os integrantes de cada setor da escola, como elucidada Moura (2022),

A gente se reúne toda semana, um dia na semana, a gente se reúne para discutir assuntos gerais. Se não tiver nenhum assunto a gente toma cerveja, mas tem o dia certo. Porque sempre tem, né? Uma historinha aqui, outra ali, que a gente precisa tomar conhecimento e direcionar algumas coisas. Mas a gente tem os grupos separados de coordenadores, grupos de harmonia. Então assim, cada segmento vai tomando conta da sua função. E os assuntos são sim comunicados nesse elo, nesse viés, mesmo pelo telefone, pelo WhatsApp, né? (MOURA, 2022).

Ainda sobre a comunicação interna, o carnavalesco Lobo (2022), trouxe a tona um outro canal de comunicação que é bastante utilizado, mas acaba passando despercebido, mas geralmente, as decisões da diretoria também são comunicadas no palco para todo o público presente nos ensaios da quadra da escola, o que também contribui para que todos estejam na mesma página, como explica Lobo (2022),

E no palco também há uma comunicação ao público, às vezes, sobre questões que estão acontecendo, ou decisões que são feitas, mas normalmente as nossas decisões são feitas da direção para baixo, para todas as equipes que vão acontecendo, né? Depende do assunto, às vezes você ouve os setores, você conversa com cada setor, para poder entender a questão de maneira mais ampla, mas a decisão é comunicar. (LOBO, 2022).

Por fim, conforme demonstrado neste tópico, observamos que a comunicação da Milênio liderada por uma mulher e numa escola que já vem trabalhando este tema há um bom tempo, contribui para uma maior adesão desse público nas quadras e, conseqüentemente, em diferentes setores, fazendo com que a comunicação seja representativa para as mulheres e para

as pessoas que acompanham a escola de uma maneira simples, mas efetiva. Também podemos concluir que a comunicação interna tem o WhatsApp como seu grande aliado para que todos os integrantes da escola estejam na mesma página e sintonia, sem que haja ruídos fora do escopo do que a escola vem querendo trabalhar e, para finalizar, apesar da comunicação da escola para o público externo ser mais assídua no Facebook e Instagram, o papel de uma profissional competente na liderança da comunicação, sempre permite que a escola esteja em outros canais de comunicações com um público mais massivo, de uma maneira a divulgar todo esse trabalho que vem sendo feito na escola interna e externamente.

### 6.3.1. O carnaval como instrumento de comunicação

Fato é, a comunicação da escola não se restringe a apenas as redes sociais ou as comunicações internas via WhatsApp, mas ela consegue ir muito mais além quando apresenta o seu enredo, para finalizar este capítulo, este tópico tende a demonstrar como o carnaval pode ser um instrumento sociocomunicacional importante para a discussão de pautas sociais e sua relevância para a representatividade feminina nesta festa popular e na esfera pública. Demonstrar temas críticos, gerar este tipo de discussão saudável na esfera pública, através da arte, da música e da dança é uma capacidade única de criar fio condutores na mente do espectador e fazê-lo repensar suas atitudes, sem que ele perceba que está sendo impactado com aquilo, conforme exalta Almeida (2022),

Chega em pessoas que não são do mundo do samba, pessoas que ligaram a TV e estava passando o carnaval e elas assistiram só para ver uma coisa bonita e no final levaram uma aula de história, educação, racismo, sendo muito importante que a gente não deixe de fazer isso, porque faz toda a diferença principalmente quando vai lá e ganha uma escola que discutiu sobre democracia, é importante por estar discutindo isso, estar vendo isso (ALMEIDA, 2022).

Para o carnavalesco, nenhum ser humano nasce preconceituoso ou com ódio no coração, mas é ensinado com os dogmas sociais a ser assim – explicamos com Moscovici (2015) no processo de categorização das pessoas – e isto contribui para a importância do carnaval de discutir estes temas e realizar a desconstrução destes preconceitos, conforme afirma Lobo (2022),

Ninguém nasce aprendendo a odiar. As pessoas são ensinadas a isso. Então, o processo carnavalesco também é um processo cultural, um processo de ensino, sabe? Você contar uma história, contar para uma comunidade algo, trazer um argumento para ser pensado, trazer uma reflexão para eles, porque o carnaval gera tudo isso, entende? (LOBO, 2022).

Lobo (2022), começa a dissertar sobre a importância das fantasias, das alegorias e da música no processo “educacional” da ópera do carnaval e que isto ganha uma capacidade de se

infiltrar nos mais difíceis lugares quando repetidos, quando transmitidos e quando replicados, conforme explica o carnavalesco,

As pessoas acham que o carnaval poderia ser apenas um espetáculo de fantasia, canto e dança, mas elas esquecem que há aí por trás uma grande ópera acontecendo, uma grande história sendo contada, sabe? Através da música, através das fantasias, através das alegorias, mas é uma história, há um argumento a ser colocado aí (LOBO, 2022).

Esta infiltração em diferentes setores da sociedade é relatada por Moura (2022), no cunho educacional, quando uma escola pública da região utilizou-se do enredo da escola sobre “Feijoada” de 2008 para realizar atividade com os alunos sobre a conscientização do combate ao preconceito racial, conforme ela relata,

Ela pediu para os alunos escreverem sobre qualquer coisa que eles gostassem muito, que fosse importante para eles, para ver como estava essa questão da escrita, da leitura e tudo mais. Eram crianças de terceiro, segundo ou terceiro ano. E aí, para minha surpresa, ela vem me trazer alguns textos falando do nosso enredo. Ela é uma escola na região do Grajaú. E aí depois eu fiquei até emocionada, porque a gente, a escola nem é grande, nem tem repercussão. E isso já está na vidinha das crianças, né? Eles trouxeram a música, na verdade escreveram música, escreveram alguma coisa da escola (MOURA, 2022).

Lobo (2022), também relata que quando há apresentação da escola em alguma outra escola de samba, o samba sobre as mulheres é apresentado e cantado de ponta a ponta pelos integrantes de outras escolas que não viveram aquela construção, mas que de alguma forma acompanhou o desfiles, conforme relato,

A gente hoje, por exemplo, se apresenta às vezes em outras coirmãs, em outras quadras, e quando a gente chega lá e canta o samba das mulheres, a quadra vem abaixo, e não é público nosso, entende? Ou seja, essa música, essa mensagem tocou outras tantas mulheres que quando chega o momento de cantar aquilo, elas vão ali junto manifestar de novo, e a magia acontece de novo. (LOBO, 2022)

E esta capacidade de se infiltrar em diferentes setores da sociedade ou da vida do indivíduo, também pode ser em questões individuais, questionamentos de vida e de ações de pessoas próximas, Lobo (2022), utilizou-se do exemplo de uma violência doméstica para lembrar a importância dos desfiles como um instrumento sociocomunicacional, que ele carinhosamente chama de “processo ‘transformatório’ da arte carnavalesca”, como ele explica,

Às vezes você está lá muito jovem, você está lá cantando aqui, não tem sentido, mas de repente acontece alguma coisa na sua casa, de repente um pai agride uma mãe, sabe, assim, você fala, é, calma. Opa, espera aí, não é assim, não, sabe, assim, eu ouvi isso, eu sei que é certo, mas não pode ser assim. Então, eu acho que há, sim, um processo “transformatório” através da arte carnavalesca (LOBO, 2022).

E este processo contribui com uma maior adesão destes grupos minoritários, no esclarecimento do tema para a sociedade, no debate saudável para buscas de solução na esfera pública e no combate a estes tipos de discriminação, conforme explica Moura (2022),

Eu acho que abre a visão das pessoas, né? Você trazer esse questionamento. Traz conhecimento, traz cultura, traz tudo. Você consegue esclarecer muitas coisas que as

peessoas sabem que a situação existe, sabe que aquele incômodo existe, mas não busca conhecer por quê, ou a possibilidade de mudar alguma situação (MOURA, 2022).

A vice-presidente completa sua fala sobre o tema, dizendo que aquele sonho minúsculo de algumas pessoas, hoje é o sonho de uma comunidade, de diferentes pessoas e a importância deste trabalho para a vida dessas pessoas que vivem disto ou brincam de carnaval; “e a gente ora, assim, não dá para desistir, porque o sonho não é mais nosso, né? É um sonho de uma comunidade. E a gente vê o quão importante é esse trabalho cultural que a gente está fazendo. É bem significativo” (MOURA, 2022).

Para Lobo (2022), o carnaval é atemporal “enquanto houver som” na vida das pessoas que com ele se conectam ou na vida de alguém que assistiu o desfile, que visita a quadra da escola ou das coirmãs ou foram expostos de alguma forma por este estímulo externo e “incontrolável”, pois mesmo se ouvir o samba enredo uma vez, já começa a criar dentro de si o questionamento, a dúvida saudável daquilo que vem sendo dito e, isso, de alguma forma pode influenciar o indivíduo a repensar o assunto e, conseqüentemente, entendê-lo e não replicar, conforme finaliza,

Para aquela que nunca ouviu essa mensagem, para aquela pessoa que está lá visitando às vezes uma escola de samba, uma festa, alguma coisa assim, e que ouve a gente dizer que o lugar da mulher é onde ela quiser, isso gera um repensar, sabe? Isso gera uma... Opa, será que é mesmo? Será que eu posso? Então, eu acho que o trabalho de um enredo, a mensagem de um enredo, de um samba enredo também, ela realmente pode transformar pessoas e o mundo enquanto houver som, entende? Enquanto houver som.

Este processo de evidenciar pautas sociais, de realizar o confronto com paradigmas sociais pré-estabelecidos e de instrumentalizar os desfiles como um forte propulsor destas lutas, contribui para um público mais diversificado que frequenta a escola, conforme relata Almeida (2022),

Pensando no começo quando eu entrei no mundo do samba eu observo sim cada vez mais minorias em geral, mulheres, LGBT, trans, e até eu diria mais diversidade de raças, de cores, porque o samba em si, eu acho que é um dos poucos lugares no Brasil, são lugares um pouco mais abertos para pessoas de todas as cores, mas eu acho que pessoas brancas, caucasianas, não se sentiam tão à vontade, tão recebidas talvez em algumas escolas de samba principalmente no Rio por exemplo, eu acho que essa mudança vem em todos os aspectos, então tá sendo diversidade de sexo, gênero, cor (ALMEIDA, 2022).

Para Lobo (2022), prestar este serviço de contribuição com a diversidade e ser recebido de maneira recíproca pela comunidade do Grajaú é motivo de grande felicidade, mas que ainda tem escolas mais resistentes a este tipo de diversidade – principalmente as derivadas de torcidas de clube de futebol –, mas que vem trabalhando e levando estes temas para a avenida e para a quadra, o que contribui para esta quebra de dogmas, conforme explica Lobo (2022),

Eu acho que isso vem acontecendo, isso vem se transformando em algumas escolas de samba mais resistentes, especialmente naquelas que são frutos de torcidas organizadas, né? Que tem aí um receio um pouquinho maior, mas que estão trabalhando o tema, né? Você vê o ano passado, a Gaviões da Fiel fez o Basta, né? Vou falar de diversas intolerâncias, inclusive essa questão. Então, assim, você vai tocando aos poucos em comunidades que são mais resistentes (LOBO, 2022).

Por fim, a vice-presidente sente que ainda tem obstáculos a serem superados, mas exalta a felicidade em pertencer à uma escola que exalta a diversidade e isto se reflete no público que frequenta a escola, como explica Moura (2022),

Enfim, eu acho que ao longo desses anos, o grupo evoluiu bastante no sentido de valorizar todas as culturas, né? E abrir portas para todo mundo. É claro que muita coisa ainda precisa mudar, mas hoje eu já vejo bastante diferença, sim. Muito mais acessível em todos os segmentos, para todas as pessoas (MOURA, 2022).

#### 6.4 LUGAR DA MULHER É ONDE ELA QUISER!

Considerando a estrutura e papel das comunicações e dos desfiles na escola objeto de estudo, este tópico pretende apresentar como foi instaurado determinados tipos de violência sob a mulher durante a construção desta festa popular e qual contribuição a mulher, a agremiação e os desfiles podem ter no combate destas violências, para Almeida (2022),

Por muito tempo o samba foi assim, onde só entra na escola quem toca a muitos anos, só fala quem tem muito tempo de escola, a mulher não tinha local de fala e isso vem mudando aos poucos. Hoje eu acredito que as escolas de samba, mesmo sendo ambientes de tradições, são também ambientes de vozes da minoria, para discutir racismo, machismo, várias outras questões que pode e deve se discutir (ALMEIDA, 2022).

Este processo de silenciamento da mulher decorre não só no mundo do samba, mas é um processo que estava instaurado na sociedade brasileira durante muito tempo e vem sendo passado de gerações para gerações como uma repetição que muitas vezes não é indagada – explicado no capítulo 3 deste artigo –, o samba por si só absorveu e hoje vem buscando mudanças, conforme reforça Lobo (2022),

Então, eu acho que a gente repete muitas coisas sem pensar nelas, então quando você traz um tema onde você bota a reflexão ali, você bota uma realidade, uma história de vida, enfrentamentos, você faz a pessoa parar e pensar, e tá, isso passou batido por mim, entendeu? Acho que teve essa magia, entendeu? De fazer até os homens, eles brincam comigo hoje em dia na quadra, eles falam, e aí quando vai falar que o homem, o lugar do homem é onde ele quiser? Eu falo, o lugar do homem sempre é onde ele quisesse, e essa não é uma questão, a questão é a gente dar direito a quem não teve (LOBO, 2022).

Além do problema histórico social, o carnavalesco ainda discorre sobre a jornada duplas, às vezes tripla, que a mulher precisa se submeter para estar ali na organização da escola, para estar contribuindo com a escola, e precisando se provar sempre para conquistar seu espaço, mesmo já se esforçando o triplo para estar ali, mesmo cozinhando, cuidando de sua casa, dos

seus filhos. O enredo levado para a avenida era uma maneira de todos que estavam ali, reconhecer isto, que a mulher é duas, três ou mais, conforme explica o carnavalesco,

O homem normalmente que participa de uma escola de samba, pode ser um batuqueiro, pode ser, enfim, pode ser uma harmonia, tudo mais. Normalmente, ele chega em casa, ele tem a comida ali pronta, os filhos já estão dormindo, né? Sabe assim, a comidinha tá ok, beleza. Mas as mulheres não. Ou elas tiveram que fazer antes, ou elas tiveram que chegar depois para fazer. Então, assim, para elas estarem dentro da organização de uma escola de samba, elas fazem um esforço que é superior, maior, do que os homens para estarem lá (LOBO, 2022).

Lobo (2022) e Almeida (2022), relatam que este preconceito é mais visível no que tange a ala musical, desde intérpretes até a bateria. O carnavalesco traz a tona três nomes de extrema importância para a música brasileira, mas que também tiveram dificuldades para lançarem seus discos, conforme explica o carnavalesco,

Quando Alcione, Clara Nunes e Beth Carvalho surgem, as gravadoras achavam que as mulheres só eram boas de show, elas não eram boas vendedoras de discos, então, eles não aplicavam a grana deles em grandes gravações delas. E elas vieram quebrar tudo, porque elas foram as três recordistas de venda durante anos, entende? Sabe assim, quer dizer, quem teve a ideia de achar que a mulher não poderia vender disco, entende? (LOBO, 2022).

E de fato, esta ideia de que este não seria um espaço para mulher, também é explicado no capítulo 3 deste artigo, pois para a dominação masculina, as mulheres não deveriam se destacar, por ser o “Outro” do homem – termo utilizado por Beauvoir –, e este processo de quebrar barreiras também é relatado pela ritmista Almeida (2022) na escolha de seu instrumento “porque eu entrei no repique né, é um instrumento que se eu fosse escolher um dos piores instrumentos para mulher tocar, ele seria um dos piores, pois só tem homens muitas vezes, homens que já tocam lá há muito tempo” (ALMEIDA, 2022), mas reforça que neste ano na Terceiro Milênio, não observou nenhum tipo de preconceito escancarado igual sentia em outras escolas,

Eu nunca senti lá o que eu sentia nas outras escolas, tipo uma pressão de será que você toca esse instrumento por ser mulher, nunca senti aqueles olhares de que quando você erra todos olham para você, o que é normal, todo mundo olha pra você porque você é nova, é mulher, não é do mundo do samba, não sabe sobre música (ALMEIDA, 2022).

Moura (2022), Lobo (2022) e Almeida (2022), explicam que estes tipos de violência contra a mulher não é tão presente na escola, devido suas políticas e projetos de conscientização e de formação de mulheres nos espaços onde elas quiserem. Um exemplo destes projetos é o rainhas do ritmo, que “[...] valorizou todas as mulheres que ele tinha na bateria. Nossa bateria tem 50 mulheres, de 210, 50 são mulheres. É um número bastante alto de mulheres numa bateria” (LOBO, 2022), o carnavalesco explica o projeto de maneira detalhada, como mostra a citação abaixo,

Elas todas ganharam um dia de produção de beleza, e fizeram fotos com turbantes, que é um símbolo do poder, né? Foi feita uma produção de roupa, de foto, a colocação dos turbantes gerou isso, uns flyers com os rostos de cada uma delas. Então, nosso enredo estampava a beleza de cada uma das mulheres presentes dentro da nossa bateria. E a experiência foi incrível, porque muitas meninas, quando se viram fotografadas, choraram, sabe? Meninas que não tinham acesso a uma maquiagem, nunca tinham feito algo assim. Nunca tinham se visto tão bonitas, mesmo com todas as diferenças, né? Porque você tem meninas magras, gordas, baixas, altas, cabelos lisos, cabelos crespos, todas as formas (LOBO, 2022).

Lobo (2022), finaliza a explicação do projeto dizendo que o mesmo “[...] colocou elas de uma forma muito profunda, para elas sentirem a valorização de quem elas são, e do lugar onde elas estão ocupando na bateria” (LOBO, 2022).

Além disto, a vice-presidente diz que um outro fator para a escola abraçar temas de representatividade feminina com tanta determinação e de não ter históricos de assédios ou violência contra a mulher em seus arredores, se dá por conta da sua comunidade e das pessoas que frequentam a quadra e contribuem com o carnaval da escola serem 70% mulher, conforme afirma Moura (2022),

Olha, assim, a Terceiro Milênio, ela tem um... Em termos de componentes, eu vou dizer uma coisa, eu acho que ela é 70% feminina, né? A gente tem uma presença feminina muito marcante. Não vou dizer em termos de diretoria, porque diretoria nós somos poucas, né? Mas o quadro de pessoas que trabalham voluntariamente também, a gente tem um número muito grande da presença feminina. Eu acho que o poder da mulher ali dentro está muito mais enraizado do que em qualquer outro lugar, né? (MOURA, 2022).

Visto o comentário acima, apesar do grande espaço dentro da comunidade, as mulheres não ocupam muitas cadeiras na diretoria, ou seja, no campo decisor da escola, contudo, a mesma afirma que o fato das mulheres compor a maioria da escola, faz com que elas sejam sempre escutadas nas decisões da diretoria, conforme explica Moura (2022),

Enquanto diretoria, e eu vou falar pela equipe de modo geral, que é praticamente masculina, eles valorizam muito, eles dão muito esse poder de voz pra mulher, né? A gente até brinca dentro da diretoria que tudo bem, eles decidem tudo, mas quem bate o martelo ali sou eu, né? Não é nem o presidente. E o presidente ainda vem e brinca, né? Olha, se a Miriam concordar, tá tudo certo, né? (MOURA, 2022).

Este processo de adesão massiva deste público, vem muito das pautas que vem sendo mostradas nos desfiles da escola no carnaval, o que permite com que gere uma identificação representativa – conceito trabalhado no capítulo 1 – das mulheres com a escola, facilitando o convívio e a quebra de dogmas machistas, conforme explica Lobo (2022),

E a gente via nas meninas, nas chefes de ala, nas diretoras, toda uma mudança comportamental, todo um empoderamento, sabe? De eu posso estar aqui, eu posso dizer o que eu penso, né? E isso é uma coisa que muda. E toda vez que a gente abre um ensaio, todas as vezes que a gente abre um ensaio, a gente canta o samba 2022. E nesse momento é uma catarse, é como se a gente mantivesse viva o tempo todo essa mensagem, entendeu? *Será mulher que te deram um real valor? Será que é igualdade?* Sabe, assim, sempre para entrar em novos ouvidos, em novas mulheres,

para que elas possam, em suas casas, entendeu? Levar esse empoderamento e dizer, não, eu posso, não? Eu tenho voz, eu posso ser quem eu quiser, eu posso estar onde eu quiser estar, né? (LOBO, 2022).

As mulheres estão presentes na concepção de fantasias, na bateria e na ala das baianas, que para Moura (2022), vem chamando atenção até de meninas mais novas, devido sua importância para escola e o respeito do membro por elas, conforme explica a vice-presidente,

E as baianas, elas trazem muito essa cultura da religião, né? Então a gente respeita muito e ser forte com elas. E a gente respeita, né? São consideradas as mães do samba, são sempre pessoas de mais idade. Hoje eu vejo até mocinhas querendo fazer parte dela das baianas. É engraçado, as pessoas querem realmente se inserir dentro do contexto, né? Então, alguns anos atrás eram só senhoras, hoje a gente vê as pessoas mais jovens procurando esse setor, querendo fazer parte. (MOURA, 2022)

O único espaço que hoje as mulheres não ocupam na Estrela do Terceiro Milênio, são as de concepções de estrutura e a parte de marcenaria dos carros alegóricos, Moura (2022) explica este déficit devido a formação das pessoas que esculpem os carros e as estruturas, vindos de Parintins, estas pessoas são divididas em escolas de formação, fazendo com que haja mais mulheres na costura do que na esculturas, onde é dominada por homens. Por uma questão geográfica e de formação, as mulheres ainda não ocuparam este espaço, mas que este é um incômodo para Moura (2022),

A gente tem uma visão das coisas. Mas lá no meio de uma ilha, no meio da floresta amazônica, não posso adaptar. Porque é a cultura de lá, né? E aí o curioso dentro das escolas é, por exemplo, as meninas... As salas de aula são separadas. E as meninas estarão exclusivamente em aula de costura, de bordado, ações tipicamente consideradas femininas. E os meninos sim, nas aulas de escultura, de desenho, de pintura. E eu falava, gente, tá errado esse negócio aí. Cadê as meninas aqui fazendo aula dessas coisas, né? E aí a gente traz esse povo de lá. Então é natural que os homens se prevaleçam nessa parte de artística, né? (MOURA, 2022)

Para Lobo (2022), a questão das marceneiras também tem haver com a formação, mas também por que não há muito interesse das mulheres em participar ativamente deste processo, devido ser um trabalho muito braçal, conforme explica o carnavalesco; “no Barracão eu tenho mais a linha de costureiras, aderecistas, eu não tenho marceneiras mulheres, eu não tenho ferreiros mulheres, assim, porque realmente é um trabalho mais bruto mesmo, é difícil conseguir mulheres interessadas em estar ali (LOBO, 2022).

Quando indagada sobre a sexualização das mulheres na avenida, Moura (2022) foi categórica em ressaltar que a orientação da diretoria para o carnavalesco é que as fantasias de carro alegórico e das alas da escola, sejam mais fidedignas ao enredo sem apelar muito para a exposição da mulher, contudo, quando se trata das musas de bateria ou dos destaques dos carros alegóricos, a decisão é de escolha dela, conforme explica Moura (2022),

Até na ala de passista, nas composições de carro, tem mulher que chega pra gente pra dizer, ah, eu quero mostrar o corpo, essa fantasia tá muito coberta, né? E aí a gente nem autoriza o nosso carnavalesco fazer fantasias nesse sentido, né? Claro que quando

tem uma destaque, uma musa, e ela fica mais livre pra escolher o que ela quer fazer, né? Mas não que a gente exija ou que tenha que fazer daquele jeito, fica muito livre. Se ela quer se mostrar, tudo bem, passa sua fantasia mais ousada, mas a gente mantém essa descrição como as demais, né? Não gosta de expor as mulheres que querem, por exemplo, ir num carro alegórico, né? Então a gente faz fantasia mais discretas, nada que seja exagerado exibindo o corpo feminino (MOURA, 2022).

Por fim, uma escola que espalhou vozes de mulheres na avenida, que vem mostrando que mulher é muito além de corpo e consegue ocupar qualquer espaço dentro da bateria e da escola. É uma escola que deu voz e fez um processo lindo de dentro pra fora, para que esta mensagem chegasse a mais pessoas, devido a todo este empenho tem um público feminino forte e comprometido com a escola, conforme explica Almeida (2022),

Eu já fui de outras escolas e posso falar de forma comparativa, a milênio pensa muito sobre isso, ela pensou muito nisso ano passado para não só fazer o enredo da boca pra fora, foi um movimento que partiu de dentro para fora, era um movimento que partia de dentro da escola, quantas mulheres temos aqui, como a gente escuta elas, como a gente dá valor a voz delas, vocês querem tal roupa, querem participar de tal evento, querem uma bateria só de mulheres, a gente confia (ALMEIDA, 2022).

Nas considerações finais da entrevista, Lobo (2022), convida as pessoas a verem o carnaval com outros olhos e com uma visão diferente de bundas, peitos e fantasia, mas com a visão crítica de que estamos falando de coisas que vão mudar a nossa sociedade, conforme finaliza Lobo (2022),

Eu achava que era uma coisa realmente só de gente pelada, de batucada, sambinha e fantasia, mas é um espetáculo que é muito maior, é uma ópera, é uma coisa que traz uma mensagem, um conteúdo, um programa cultural incrível, e elas ficam surpresas com isso. E toda vez que tenho a oportunidade de falar sobre isso, eu digo isso para as pessoas, se abram para ver na maior festa popular, do mundo, que é o Carnaval brasileiro, também isso (LOBO, 2022).

Já Almeida, finaliza a entrevista dando um recado para as mulheres, para que não se deixem abater pelas provações constantes que passam em diferentes setores de sua vida e que nunca desistam dos seus objetivos por conta da pressão imposta pela própria sociedade, finalizando sua entrevista da maneira abaixo,

O segundo é voltado para as mulheres, que muitas vão seguir esse conselho inicial e não se sentem bem por vários motivos, que são os mesmos que elas sentem em outros lugares também, local de trabalho, quadra de esporte, estúdio de música, não se deixem abater, façam o seu papel do jeito que vocês fazem no seu trabalho, porque assim, é triste? É, a vida da mulher não é fácil, ela chega no trabalho dela, ela tem que provar que ela é boa, ela chega para dar uma aula, ela tem que provar que ela é boa e melhor que o professor anterior, ela chega no estúdio de música ela tem que provar que toca muito bem que o músico anterior, ela sempre tem que provar, e a gente está caminhando para um lugar melhor, a gente vai ter que provar menos ou a gente não vai ter que provar nada, vamos ter que chegar e fazer nosso trabalho e todo mundo vai confiar como confiaria se fosse um outro profissional ou um homem (...) (ALMEIDA, 2022)

Por fim, Moura (2022), faz um convite para todos irem visitar a escola, que segundo a mesma, está de portas abertas para receber, independente de sua raça, gênero ou orientação

sexual e finaliza fazendo uma relação com o enredo apresentado, dando o recado para as mulheres dizendo que o lugar delas, é aonde elas quiserem, finalizando a entrevista com o comentário abaixo,

Eu acho que o meu recado maior vai para as mulheres, como diz o nosso enredo, o lugar da mulher é onde ela quiser, seja dentro de casa ou seja numa bateria de escola de samba. Mas a gente pode, a gente consegue. É isso. Um beijo carinhoso para você, para todos. Fica aqui o meu abraço e o meu convite para participar da terceira Milenium e ver o nosso ensino (MOURA, 2022).

O carnaval é uma festa cultural que dialoga com a abertura de espaços para a pessoa, independente de onde ela veio ou o que ela é, ele contribui para uma representatividade mais natural de diversos setores da sociedade e se consolida como um forte incentivador na luta por direitos sociais e um comunicador que consegue se infiltrar em diferentes camadas da sociedade, transmitindo aquilo que precisa estar na “boca do povo” para uma sociedade mais justa e igualitária.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa procurei levantar reflexões acerca do papel da comunicação na construção de uma imagem mais fidedigna das mulheres que participam da nossa grande festa popular, o carnaval. Para além da festa, o carnaval tem um papel importante de questionar alguns paradigmas sociais, gerar debates e, principalmente, impulsionar mudanças através dos enredos críticos apresentados na avenida. Além disso, também podemos considerar o carnaval como um processo importante na construção de identidade do indivíduo que frequenta e dos que acompanham pelos televisores e meios de comunicação, isto se dá, pois o carnaval vem atuando como um contraponto aos preconceitos e um forte aliado na luta e na ideia de representação das minorias e dos indivíduos que ainda sofrem determinada repressão.

Vimos no primeiro capítulo a importância de enaltecer essas minorias numa sociedade que vem se modificando a cada década e em indivíduos que procuram dentro das diversas identidades dentro de si, uma que verdadeiramente o represente, seja nos meios de comunicação, seja nas manifestações populares ou seja na ética imposta de geração para geração do que é certo e do que seria errado.

Mais adiante, no capítulo dois, entendemos a capacidade da comunicação em também ser aliado desta e de outras causas, fora ou dentro de uma organização que é foco deste trabalho. Neste contexto, foi apresentado temas como a presença da diversidade nas comunicações, a importância de uma comunicação representativa e por fim, quais os impactos positivos e negativos na construção da imagem e da reputação de uma empresa.

É de extrema importância ressaltar que nesses dois primeiros capítulos, podemos chegar a conclusão que a comunicação inclusiva, olhando todas as partes e destacando as minorias – que em algumas vezes são maioria em quantidade –, são processos essenciais na construção de uma marca ou organização com uma imagem real – termo utilizado por BUENO (2016) – do que ela representa para este grupo, pois de nada adianta dizer ser uma empresa ou organização representativa se não pratica esta diversidade de conhecimentos e não contribui com a causa destes grupos minoritários. Evidenciamos mais a frente nas entrevistas em profundidade com os integrantes da G.R.C.E.S. Estrela do Terceiro Milênio, que dar visibilidade a estes grupos é importante para a organização manter um ambiente confortável para todos e, principalmente, altruísta – termo muito utilizado por Kunsch, Lima e Sampaio et al (2022) –, o que gera resultados que vão além das paredes da escola e consegue adentrar de uma forma rápida, simples e permanente nos diversos campos da sociedade.

No terceiro capítulo foi trabalhado o fator sociológico da violência simbólica contra a mulher e a sua composição como o “Outro” – termo utilizado por Beauvoir (2009) – em relação ao homem, fazendo necessário sempre se provar, sempre ficar se pressionando ou apenas a aceitar este tipo de violência e o espaço mínimo que os homens a submetem.

A partir desta base teórica, trabalhei nas entrevistas de profundidade para evidenciar as respostas do objetivo geral, que tinha como proposta analisar como era trabalhado a imagem da mulher no carnaval de São Paulo e como os, Relações Públicas, podem contribuir para uma representação mais fiel do papel da mulher dentro da construção desta grande festa. Conforme apresentado no capítulo 4, o objeto de estudo já havia reconhecido a importância deste tema, facilitando a compreensão de como eles enxergavam a mulher dentro do contexto das escolas de sambas, trabalhando a imagem da mulher com muito respeito e responsabilidade, enaltecendo sua força e luta nos enredos levados para a avenida e no processo de construção do desfile, estando presente em setores chaves – inclusive na comunicação – para a concepção do desfile. Visto isto, o fato da escola já educar seus frequentadores sobre esta pauta e realizar projetos que qualifiquem a mulher para que ela ocupe o espaço de sua preferência, também facilita que as comunicações externas e internas sejam propulsores destas ideias e contribua de maneira positiva para esta luta social, sendo um fator chave para manter a durabilidade dos resultados positivos obtidos da gestão da escola.

Já o objetivo específico de apresentar como a violência simbólica está presente historicamente na construção dos desfiles e do carnaval, ficou evidente na necessidade de se construir um enredo para reafirmar que o lugar da mulher pode ser onde ela quiser, apresentado nas falas do carnavalesco Murilo Lobo, que também realça a importância de se discutir este tema e compartilha alguns processos difíceis para a sua construção, como a mudança das cores da camiseta, a pesquisa biográfica das artistas representadas no desfile que evidencia a violência estrutural no mundo do samba contra as mulheres e a necessidade de projetos na quadra da escola para servir de contribuição para este movimento que estava sendo levado para a avenida. As falas da ritmista Gabriela Almeida também demonstram esta violência sobre as mulheres que tocam ou queiram tocar algum instrumento, principalmente por conta da segregação dos instrumentos e o setor que é predominantemente masculino na maioria das escolas. A questão da sexualização negativa do corpo feminino, foi citada pela vice-presidente Miriângela Moura que explica o posicionamento da escola e as regras no que se refere às fantasias femininas, a fim de evitar ainda mais a propagação deste estereótipo.

Por sua vez, o objetivo específico de apresentar se há profissionais de Relações Públicas atuando nas escolas de samba, também foi alcançado e a conclusão é positiva, visto que,

conforme evidenciado um dos poucos setores da escola que há profissionais pagos para atuar é o de comunicação, comandado pela relações públicas Lara Schultz, que planeja e elabora o cronograma das redes sociais da escola de acordo com as decisões das demais diretorias. Um ponto muito enaltecido do trabalho desta RP, é a capacidade de deixar a marca em evidência em diversos portais de notícias e canais de comunicação, mesmo com o Facebook e o Instagram sendo os únicos canais oficiais da escola.

Por fim, no que tange ao objetivo específico de investigar como as agremiações e seus desfiles podem contribuir para mostrar a importância das mulheres nos diferentes processos da construção/concepção desta cultura histórica popular, foi evidenciado que 70% da escola é formada por mulheres, o que aumenta significativamente sua importância na construção do carnaval em diversos setores, desde bateria que tem um volume relativamente grande de mulheres até a diretoria, fazendo da escola um celeiro de talentos femininos e uma voz ativa das mulheres que vivem do samba. Este conforto em estar em uma escola que apoia o público feminino é muito enaltecido nas falas de todos os entrevistados que elucidam de maneira subliminar ou exteriorizada a importância das mulheres em todo o processo, e que esta importância foi recompensada com um enredo campeão que demonstra e apoia a força e a luta feminina na consolidação de seu espaço no samba.

O desafio que tive nesta pesquisa foi de fato de se tratar de uma pesquisa empírica e exploratória, onde tive que utilizar de uma metodologia mais aprofundada para captar e colher o máximo de informações sobre o tema e sobre o carnaval como um todo. Além disso, por ser algo que eu sou apaixonado, tive que deixar meus vieses de lado e analisar criticamente e de forma parcial o problema em questão. Outro grande desafio enfrentado, foi alinhar as agendas em um período pré-carnaval com nomes importantes da escola como a vice-presidente e o carnavalesco, fazendo com que as entrevistas acontecessem de maneira tardia, mas que foram necessárias para o atingimento dos objetivos propostos neste trabalho.

Os resultados desta monografia podem contribuir com a área de Relações Públicas no que tange à valorização dos estudos de representações e identidades, bem como na luta contra a violência de gênero e o papel da comunicação nos mais variados grupos sociais minoritários ou nas organizações. Podemos considerar que de fato o papel transformador da comunicação, anda de mãos dadas com o mesmo papel desempenhado pelos enredos das escolas de samba, buscar esses novos lugares ou utilizar destes lugares para incentivar mudanças sociais duradouras e necessárias, também é um papel do comunicador em seu exercício e é buscando estes novos lugares e estas novas maneiras de se comunicar com o público, buscando mudanças naquela comunidade ou na sociedade como um todo, que me motiva ser um comunicador.

A pesquisa pode ser continuada adentrando em outras escolas de sambas que não possuem uma política de equidade de gênero ou em escolas que ainda estão resistentes às mudanças sociais ou ainda não possuem projetos ou enredos que contribuam de maneira positiva no combate à violência contra a mulher. Este debate sobre mulher, carnaval e o papel das escolas de sambas é uma tendência que vai se mantendo com o tempo e deve ser discutida nos diversos áreas de estudo da sociedade, principalmente a comunicação, que atua com protagonismo nas transformações sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Gabriela. **Entrevista concedida a Lucas Gabriel C. da Silva**. São Paulo, 2 nov. 2022. A entrevista na íntegra encontra-se disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/18RkHIQ187x7WJYOoFzmi6WLdGMW9Nh4y?usp=sharing>>
- ALVES, Soraia. **Participação feminina contribui para explosão do Carnaval de rua em São Paulo**. B9, São Paulo, 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.b9.com.br>>.
- BARROS, Jorge Duarte Antonio; et al. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. Ed. Única. São Paulo: Atlas, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. E-book Kindle.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUENO, Wilson da Costa. **A imagem e a reputação como ativos intangíveis**. Política de Comunicação, 2016. Disponível em: <<https://politicadecomunicacao.ifes.edu.br/wp-content/uploads/2016/02/A-imagem-e-a-reputa%C3%A7%C3%A3o-como-ativos-intang%C3%ADveis.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.
- BUENO, Wilson da Costa. **Imagem, reputação e identidade: revisitando conceitos**. Portal Imprensa, 2008. Disponível em: <<https://portalimprensa.com.br/noticias/wilson+da+costa+bueno/193/imagem+reputacao+e+identidade+revisitando+conceitos>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022
- COSTA, Haroldo. **Carnaval: dos ticumbis, cucumbis, entrudo e sociedade canavalescas aos dias atuais**. Ed. Única. [s.l.]: [s.n.], 2012. Ebook Kindle.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling, LIMA; Fábria Pereira; SAMPAIO, Adriano de Oliveira; et al. **Comunicação organizacional e Relações Públicas: 15 anos da Abracorp**. Ed. Única. Salvador: EDUFBA; São Paulo: ABRAPCORP, 2022.
- LEMOS, Else; SALVATORI Patricia; et al. **Comunicação, diversidade e organizações**. 1º Ed. São Paulo: Abrapcorp, 2019.
- LIGASP. Liga SP, 2020. **Escolas de sambas**. Disponível em: <<https://ligasp.com.br/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.
- LOBO, Murilo. **Entrevista concedida a Lucas Gabriel C. da Silva**. São Paulo, 24 out. 2022. A entrevista na íntegra encontra-se disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/18RkHIQ187x7WJYOoFzmi6WLdGMW9Nh4y?usp=sharing>>

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra em tempos pós-modernos**. 3 ed. Salvador: EDUFBA, 2008. E-book Kindle.

MILÊNIO, Estrela do Terceiro. **Ô abre alas que elas vão passar**. São Paulo, Gravasamba. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/31SU63Dknz98JD66U9zJPt>. Acesso em 23 mai. 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOURA, Miriangela. **Entrevista concedida a Lucas Gabriel C. da Silva**. São Paulo, 05 nov. 2022. A entrevista na íntegra encontra-se disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/18RkHIQ187x7WJYOoFzmi6WLdGMW9Nh4y?usp=sharing>>

RIBEIRO, Raisia D. **FEMINISMOS: O que as feministas querem?** 1 ed. [s.l.]: Feminismo Literário, 2021.

VIRADOURO, Unidos do. **“ViraViradouro”**. Rio de Janeiro: Universal Music LTDA, 2018. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/66TEWcDCI9C2gO3HG89OCr>>. Acesso em 19 set. 2022.

## APÊNDICE A - ROTEIRO (ENTREVISTA SEMIABERTA)

1. Por ser ligado muito a tradição passada de décadas em décadas, você acredita que o carnaval é um forte propulsor das lutas sociais?

2. Em sua visão, como a escola enxerga a figura da mulher?

3- A representatividade das mulheres é importante para a escola de samba? Como vocês enxergam a figura da mulher no que antecede os desfiles, durante e após o evento? Existe algum programa/projeto para auxiliar/orientar/desmistificar em relação ao comportamento/percepção da sociedade patriarcal × mulher (violência/sexismo/gênero). Qual a postura da escola?

4. Como é a contribuição feminina dentro da escola?

5. Como é feita a comunicação da escola internamente? (Como os integrantes são informados do evento)

6. Como é feita a comunicação para o público? É uma equipe? É voluntariado da própria comunidade?

7. Quais são seus principais canais de comunicação para realizar convites, convidar pessoas para visitar a quadra ou contribuir com o carnaval de alguma forma?

8. Como é trabalhado as mulheres nestas comunicação?

9. Ainda percebe muitos preconceitos em relação aos estereótipos estabelecidos nas mulheres, vindos de pessoas que não estão no dia a dia da escola? (Mulher que quer se mostrar, vive mostrando as bundas, vulgares...)

10. Nos desfiles que são uma maneira de se comunicar com o público, o tema da representação feminina está cada vez mais evidente, o que você acha disso? A tendência é que isto contribua de que forma para a sociedade?

11. Com o passar do tempo, você observou muitas mudanças no público que frequenta ou acompanha a escola? Se sim, quais?

12. Se você pudesse dizer alguma mensagem para as pessoas que ainda colocam as mulheres como inferior ou como só um corpo bonito na passarela, o que diria?

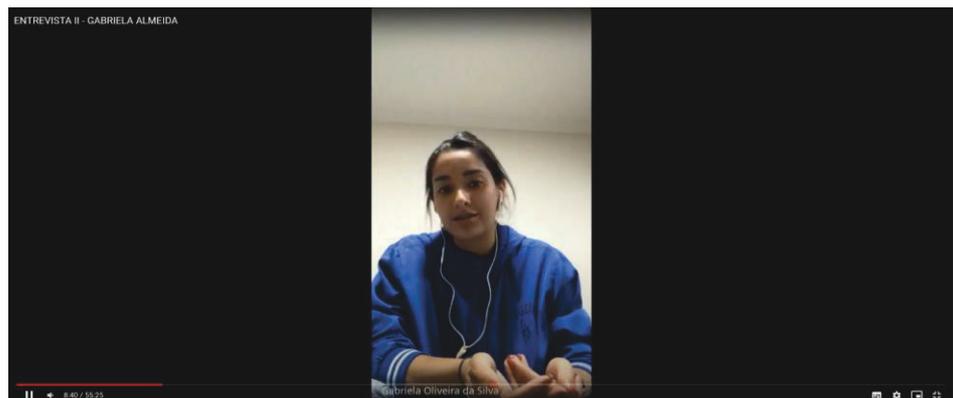
## APÊNDICE A - REGISTROS DAS ENTREVISTAS

Tirei um print dos participantes das entrevistas durante a construção deste estudo para que vocês acompanhem abaixo. Nas reuniões sempre estarão três participantes, eu, o entrevistado. A gravação foi feita através do meu próprio computador.

**Figura 5:** Print – entrevista com Murilo Lobo.



**Figura 6:** Print – entrevista com Gabriela Almeida.



**Figura 7:** Print – entrevista com Miriângela Moura.

